

# Um réquiem para Diadorim

---

Wander Lourenço

---

## Parte I: Um tríptico amoroso – Diadorim, Otacília e Nhorinhá

Em sua *Metafísica do Amor*, o filósofo Artur Schopenhauer salientaria que nunca compreendera como é que dois entes que se amam, e julguem encontrar nesse Amor a suprema felicidade, não preferem romper violentamente com todas as convenções sociais e sofrer toda espécie de vergonha, a abandonar a vida, renunciando a uma felicidade além da qual nada podem imaginar. Ocorre no *Grande sertão* que, tal ruptura com o convencional não se deflagra decerto pela ignomínia, opróbrio ou asco de Riobaldo; e, sim, pelo fato da natureza homossexual induzida, a princípio, por tal indumentária e atitudes masculinizadas, que encobrem os segredos e mistérios de Reinaldo. As sombras de uma suposta homossexualidade, que permeiam o ser-discurso de jagunço-orador, esbarram na condição feminina de seu Amor travestido de homem. E, desta feita, o andrógino companheiro dos ‘verd’olhos’ desarvora-se em silêncios e ciúmes, escorado na convicção de um desenlace bifurcado em âmbitos dicotômicos: a vingança pelo assassinio à traição de Joca Ramiro e o subsequente ódio pelo *judas* Hermógenes; e a revelação do segredo de sexualidade e a conseqüente redenção ao amor-amizade com o pactário Riobaldo Urutu-Branco. Interessante é que este ser ambíguo e contraditório, Riobaldo-Tatarana, em seu afã de enfrentar a maldade do sertão, se associa em macabro conluio com o cujo-demo nas Veredas-Mortas, impulsionado não por intuitos de liderança ou poder de desmandos; mas por razões do magnânimo sacrifício pelo destino alheio, consoante apontaria Kant no estudo referente ao Amor, aliadas a irrestrita lealdade e cumplicidade de amor e de amizade dedicados a um ser hermafrodita Diadorim. Ainda em sua *Metafísica do Amor*, Schopenhauer assevera que, para a consolação dos entes ternos e apaixonados, o desejo ardente se associa por vezes a um sentimento de origem muito diversa – a amizade –, fincada por sobre o acordo dos caracteres; todavia, só se declara depois do Amor se extinguir no gozo<sup>1</sup>. Conquanto a atração sexual de Riobaldo, injustificada pela delicadeza dos traços físicos do guerreiro dos ternos-odiosos olhos verdes, seja a todo instante deposta em narração, em momento algum o jagunço-orador desvenda ou revela ao leitor a enigmática identidade de Reinaldo/Diadorim. De tal feita o declarado sentimento de paixão que não extingue no prazer a que aludiria Schopenhauer; porquanto, abarcaria nítidos e marcantes traços de homossexualidade. Isto porque a revelação do segredo do arco-íris de

---

<sup>1</sup> Em *Fedro*, Platão ressaltaria que os entes apaixonados julgam-se ser os melhores e mais fiéis amigos daqueles a quem amam; e são freqüentemente expostos aos severos conselhos daqueles que criticam a paixão, mais jamais se acusara de imprudente um indivíduo que não se apaixonara. Por este viés, complementa testificando que não convém prestar favores aos que não se contentam em amar e gozam apenas a flor da mocidade. (PLATÃO, 2004, p.64)

Reinaldo não ocorre nem mesmo quando o depoimento do protagonista se faz passar sutilmente despercebido, resvalando na carinhosa alusão ao companheiro, ao referir-se ao indócil jagunço filho de Joca Ramiro, usando o pronome feminino pessoal oblíquo “*ela*”. Consta-se ainda que não há precipitação narrativa no tocante ao mistério da androgenia platônica, conquanto no instante em que as palavras inusitadas do jagunço-narrador antecipam o desenrolar das sangrentas cenas depostas indiretamente em agonizante e pungente oração.

Em sua *Introdução ao pensamento filosófico*, no capítulo intitulado “O Amor”, Karl Jaspers observa que este sentimento se projeta num clarão de um relâmpago que não se percebe; contudo, para os que foram atingidos, revela-se que existe desde a eternidade. E acrescentaria o filósofo ressaltando que é histórico o sentimento amoroso enquanto fenômeno, mas sua história essencial não reside no tempo; e, ao passo que denota uma repetição infinita, deságua numa originalidade sempre renovada, tão poderosa sob a forma de paixão juvenil como na tranqüilidade da velhice, lembrança e expectativa a um só tempo. A estes preâmbulos serão acrescidas as propícias palavras do pensador genebrês J.J.Rousseau, no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, quando afirma que quaisquer que sejam as opiniões humanas, tal como acreditou lê-las, não nos livros dos semelhantes, que são mentirosos, mas em sua natureza, são verdadeiras. Ao passo que ao não desvendar para o leitor o enigma medúscico ou andrógino de Diadorim, Riobaldo prosseguiria em sua peregrinação de incerteza ou divagação pelo Liso do Suçuarão ou pelas dulcíssimas lembranças da prostituída companhia de Nhorinhá, margeando os seus pejos, rejeições e vergonhas, pautadas pelo discurso-verdade de sua complexa natureza contraditória. Na tranqüilidade de sua velhice, como salientaria anteriormente Jaspers, o jagunço-orador reorganiza as reminiscências de sua juventude, entrelaçando episódios de sua história pessoal permeados pelo tom de originalidade renovada, cujos traços trágicos permeiam as suas palavras e, sobretudo, os seus questionamentos filosóficos ou metafísicos, amparados na sua condição de ex-jagunço que resulta na criação narrativa: “*Otacília – quando eu pensava nela, era o mesmo como estivesse escrevendo uma carta. Diadorim, esse, o senhor sabe como um rio é bravo? É, toda a vida, de longe a longe, rolando essas braços águas, de outra parte, de fugida, no sertão.*” (ROSA, 1994, p.273) E, neste ínterim, não cumprida a sina de ódio de Diadorim ou a vingança pelo assassínio à traição de Joca Ramiro, a figura do herói não pôde ainda decidir-se por sua casadoira nossa senhorinha, cúmplice de velhice e indagações reflexivas, a moça branca dos *liro-liros* ou *casa comigo*, Otacília.

Esta atração bifurcada, ou quiçá disfarçada desaguaria no eflúvio relacionamento amoroso com a meretriz filha da feiticeira Ana Duzuza e no súbito compromisso de noivado com a neta-herdeira de Nhô Vô Anselmo da propriedade Santa Catarina. E por intermédio desta constatação, observaria ainda Schwarz que a estória do jagunço-narrador Riobaldo-Tatarana compõe-se em menos que um canto de vitória do que uma discussão exemplificada pela aventura do destino humano. (SCHWARZ 1981: 44) Por outro lado, ocorre também que, quando a narração desemboca na presença do enigmático companheiro de percurso e remorsos entrelaça-se no cerne das suas lembranças a existência daquele ser humano, que se recria traduzindo-se no desfolhar de sua travessia e, muito principalmente, nas entrelinhas de suas indubitáveis paixões, tal qual o ‘*clarão de um relâmpago que não se percebe*’, mencionado por Karl Jaspers. E a partir daí, observa-se que a originalidade vem a ser sempre renovada, quando aliada à efusiva e arcaizante narração de sua história

peçoal, que não reside no tempo, de modo que reacende a chama do discurso mitigado pelas dores da consciência: “[...] *Eu tinha outras súbitas vontades, de passar devagar a mão na pele branca do corpo de Diadorim, que era um escondido. E em Otacília, eu não pensava. No escasso, pensei.*” (ROSA, 1994, p.202)

Em assonância com as múltiplas incertezas de vida ou de morte, que assaz o inflamam, desarmando-o –, de modo a incitá-lo em sua natureza humana capturada em múltiplas imagens de consciência pelo viés do gozo carnal com um outro homem companheiro seu, que ressurgue em contraposição a imagem redentora de sua-nossa senhorinha fazendeira da Santa Catarina, mas que, qual o Urucua, por detrás das mansas águas, ressoa um ‘*rio de bravezas*’: “*Saio daqui com vida, deserto de jaguncismos, vou e me caso com Otacília!*” (ROSA, 1994, p.39) Ou ainda, como em outra ocasião da narrativa, quando a camponesa no aguardo do retorno prometido de seu rústico cavaleiro medievo-sertanejo em combate pela causa do rei dos sertões, Joca Ramiro, tal qual nas cantigas trovadorescas de amigo medievais, numa espécie de compensação, em Otacília deságuam-se as conflituosas aflições de seu nebuloso amor por Diadorim: “*E despaireci meu espírito de ir procurar Otacília, pedir em casamento, mandado de virtude.*” (ROSA, 1994, p.41)

Em *Fedro*, Platão ressalta que os apaixonados afirmam ser os melhores amigos daqueles que amam, prontificando-se para suportar injúrias e sevícias alheias no empenho de prestarem favores; todavia, facilmente se percebe até que ponto tais protestos são verídicos e tais homens devem ser estimados. Por intermédio das palavras do filósofo grego, comprovar-se-ão os desígnios apaixonados deste sertanejo-orador para com Reinaldo (ou vice-e-versa), no âmbito de toda sorte de tentações ciumentas propositadas pelas prostitutas ou mesmo Leopoldo, irmão de Joca Ramiro que, supostamente, fora o amante/amigo mais próximo de Diadorim antes do jagunço Riobaldo-Tatarana. Ou mesmo quando surgem provocações entreditas ocasionadas pelas indecências e sarcasmos dos jagunços companheiros de destino e sertão, tais como as maldosas insinuações, murmúrios desrespeitosos, disse-me-disse obscenos etc. Por conseguinte, tal qual a providencial fuga de uma realidade de guerra ou das aflições e tormentos afetivo-amorosos o dócil-feroz Reinaldo, impõe-se ao jagunço-orador incauto, ao mesmo tempo em que um forçado distanciamento, um afã de uma indubitável aproximação, híbrido de repulsa, gozo, tormento e prazer.

Quiçá seria de bom alvitre observar que estas tais imbricações não intelectuais perceptíveis no discurso apaixonado de Riobaldo estão intrincadas de tal modo, que se posicionam quase que no mesmo patamar que o posterior pacto com o inaudível cujo-demônio nas Veredas Mortas do *Grande sertão: veredas*. Ou seja, a atração homo-carnal pelo ‘*belo-feroz*’ ou o pacto com o diabo apenas justificar-se-iam no âmbito do inconcebível no tocante ao adverso contexto de masculinidade e religião, de vez que, na trajetória rústica do jagunço-orador, a inserção de ambas, paixão homossexual e combinação maligna, origina-se de sensações palpáveis amparadas pelo decurso das atitudes ou resoluções da “*aventura-travessia humana*”, a qual se refere Schwarz. Muito provavelmente, o jogo de dicotomias e contradições, que mais aproximaria o dizer entroncado do narrador mal instruído e semiletrado, mas que soletrara gramática e até latim em cartilha régia, desembocaria no redemoinho de suas incertezas, que gira, e gira, até transbordar, desaguando-se, na injustificável e titubeante conduta do malsinado destino do

herói com reumatismos, consoante ocasião do duelo de Reinaldo e Hermógenes: “*O que vendo, vi Diadorim – movimentos dele. Querer mil gritar e não pude, desmim de mim mesmo, me tonteava numas ânsias. (...) Tiraram a minha voz. [...] Trespassei.*” (ROSA, 1994, pgs.376-7)

Em contrapartida Benedito Nunes, em seu supracitado estudo, atenta para o fato de que Otacília vem a ser a lembrança de uma imagem ideal que, por sobre o espírito de Riobaldo, exerce um efeito purificador, levando o jagunço-narrador a idealizar uma outra possibilidade de existência, muito às margens das andanças de guerrear e pelejar pelo sertão das Gerais. E acrescenta ainda Nunes que, por este viés, a fulgurante imagem etérea da moça fazendeira reproduz no Tatarana-atirador o sentimento mais puro, quase desencarnado e beatífico diante de sua ‘neblina’ amorosa, simbolicamente, mencionada como metáfora da paixão homossexual ressentida por Maria (Reinaldo) Deodorina da Fé Bettencourt Marins. A limpidez angelical da imagem da sacrossanta virgem casadoira dos Buritis Altos, Otacília, permearia a narrativa através de refluxos memoriais quase redentores em dissonância, que ressoa e resvala na visão onipresente da donzela travestida com a coragem, o colete de couro sobre os seios encobertos, corpo fechado e gestual com propósitos de vingança pelo assassinio do pai-ídolo atraído. Somado a isto ainda entremeia-se a moça meretriz filha da velha bruxa ‘arregalada’ Duzuza, a enfeitada Nhorinhá, com seus adocicados dotes de saliência e amabilíssima hospitalidade de catre e alcova de aluguel: “*Segunda vez com Nhorinhá, sabível sei, então minha vida virava por entre outros morros, seguindo para diverso desemboque. Sinto que sei. Eu havia de me casar feliz com Nhorinhá, como o belo do azul; vir alguém-de.*” (ROSA, 1994, p.331)

As paragens da memória se esbarram num contraponto narrativo, por intermédio de uma diversa espécie de duelo, quase que a punhal de prata com o Hermógenes, de reminiscências, que impele a travessia-aventura humana do *Grande sertão* ao discurso de Platão, em *Fedro*. Isto quando o filósofo grego propõe a crucial hipótese amorosa: “*Se tu quisesses escolher entre teus apaixonados o melhor de todos, poucos terias à tua disposição; porém, se quisesses decidir-te entre os que mais te agradam, poderias optar entre muitos*”. Por este âmbito, complementar o filósofo grego asseverando que há muito mais esperança de que, justamente entre esses muitos, se encontre alguém que seja digno de tua amizade<sup>2</sup>. Em diálogo com a proposição hipotética platônica, a hermenêutica do *Grande sertão* instigará uma outra suposição ou espécie de indagação profética: se Riobaldo rompesse o compromisso de vingança contra os *judas* Hermógenes e Ricardão, referente ao mencionado assassinio de Joca Ramiro, desertando do bando dos jagunços. E, em consequência disto, também renegaria da amizade ou missão proposta pelo belo feros dos verd’olhos, para entregar-se aos proibidos afagos e indóceis carícias da moça ‘militriz’ Nhorinhá, quiçá na Aroeirinha ou no São Josezinho da Serra, recôndito sertões dos ditosos Gerais?... Esta idealizada opção pela filha da feiticeira adivinhadora da boa ou má sorte, Ana Duzuza, por certo interromperia bruscamente, não somente a proclamada chefia dos jagunços Urutu-Branco refletida na figura do líder do bando Riobaldo e o seu afã por glórias e conquistas, como também, conforme já fora explicitado na Introdução desta

<sup>2</sup> Jean-Paul Satre em diálogo com Platão, no registro « O amor é um conflito incurável », dispõe-se da situação em que o sentimento amoroso pode nascer pela sensação de sua alienação e de sua fuga para o objeto amado; mas, por outro lado, constataria que o apaixonado não se transformará em amante sem planejar e escolher o seu Amor, de modo que o único que ele pode conceber para realizar tal apropriação ou opção é fazer-se amar, por intermédio da subjetividade do outro enquanto tal. (SATRE,2004, p.175)

pesquisa, sobretudo, os meandros da proposição desta narração a descambar para o embate triunfal de símbolos arbitrários à fluência da narração, de significações opostas, antitéticas: Diadorim/Hermógenes; Deus/Demônio; Bem/Mal; Lealdade/Traição.

No “Discurso de Sócrates”, ainda em *Fedro*, Platão registra que há muitos outros males; mas à maior parte deles um ente sobrenatural parece haver misturado algum instante de prazer. E, assim, prossegue o filósofo afirmando que o lisonjeiro pode vir a ser horrível monstro e trazer grandes prejuízos; e, simultaneamente, a natureza lhe conferira certo atrativo que não deixa de ter seu encanto, conforme mesmo a prostituta e outras criaturas duvidosas, às quais se poderiam se chamar nocivas aos costumes que proporcionam um prazer deleitoso; no entanto, breve e fugaz. Na “Ética a Nicômaco”, Aristóteles asseveraria que as pessoas que amam as outras por causa do que lhes é útil e agradável pertencem à estirpe das amizades acidentais, porquanto estas proporcionam ao suposto amante apenas algum proveito ou prazer<sup>3</sup>. As reminiscências do jagunço-narrador Riobaldo-Tatarana em relação ao enlevo sentimental com a prostituta Nhorinhá, ao que parece, suplantaria as questões da amizade acidental aristotélica e o “*horrível monstro detentor de grandes prejuízos de amor efêmero*”, mencionado por Platão. Se a filha prostituída de Ana Duzuza fosse a eleita para *se casar feliz* com o chefe-jagunço Urutu-Branco, o que seria da vingança de Diadorim ou do compromisso de noivado com a donzela casadoira dos Buritis Altos, a ‘abençoável’ herdeira-proprietária de terras, Otacília? E o feitiço ‘coisa de minha fechada’ que o incomodava a ponto de pedir o ‘resumo’ ou ‘alguma passagem por vir’? Decerto proporia a narração uma brusca interrupção no percurso da oral travessia rosiana, descambando para o seu palpável surpreendente desfecho, com Maria Deodorina, a ferro e fogo em duelo corpo a corpo com o traçoeiro pactário *judas* Hermógens. Não obstante, insurgir-se-ia a opção matrimonial ela doce lembrança de apenas uma única ocasião de encontro, proporcionada pelo catre prostituído e hospitaleiro da moça ‘*namorã*’ de todos, frequentado por tropeiros e jagunços em busca do prazer ou das amizades acidentais mencionadas por Aristóteles, dissimuladamente ofuscando a sua ‘*neblinosa*’ paixão ilícita, em detrimento do Amor homossexual por Reinaldo/ Diadorim. Quanto à trajetória da enfeitada prostituta filha de Ana Duzuza, Riobaldo quase que não deixa rastros sobre um possível reencontro definitivo com a Nhorinhá da Aroeirinha ou do São Josezinho da Serra. Enquanto que, sobre as outras duas opções de paixão, relacionadas neste tríptico amoroso no *Grande Sertão*, Reinaldo e Otacília, a todo instante a narração desencadeia ações e/ou frases nostálgicas, que encobrem os supostos ou reais obstáculos conflitantes da ardilosa trama a desembrenhar-se pelas recônditas paragens dos Gerais: o inóspito da paisagem sertaneja, a força militar do governo capitaneada por Zé Bebelo, e as artimanhas do Demo inseridas na horrenda figura pactária do *judas* assassino de Joca Ramiro: “*Como era o Hermógenes? Como vou dizer ao senhor...? Bem, em bró de fantasia: ele grosso misturado – dum cavalo e duma jibóia... Ou um cachorro grande.*” (ROSA, 1994, p.136)

Num outro patamar, tais adversidades narrativas ainda se esbarrariam em inúmeras questões, sobre as quais margeiam o âmbito da hermenêutica da existência

<sup>3</sup> No dizer de Sigmund Freud, em « Cinco Lições de Psicanálise », a condição de que o objeto escolhido deva se assemelhar a uma mulher prostituída parece se opôr energicamente à derivação do complexo materno; entretanto, conclui o psicanalista, as condições que se impõem ao homem de que sua amada seja uma prostituta, o alto valor que atribui à mulher cortesã, a necessidade de sentir ciúmes e a fidelidade fragmentada, também são encontradas nas pessoas com suas paixões consideradas normais. (FREUD, 2003, p.71)

humana: os resquícios de saudade adocicada oriundos da efêmera passagem com Nhorinhá; e o reconfortante exílio de idéias designado pela imagem de Otacília; e a latente e incômoda opção homossexual pela paixão por Diadorim submersa em aflição e agonia: “*Aí mesmo assim, escasso no sorrir, ele não me negava estima, nem o valor de seus olhos. Por um sentir: às vezes eu tinha a cisma de que, só de calçar o pé em terra, alguma coisa nele doesse.*” (ROSA, 1994, p.238) A despeito disto, Martin Heidegger, em *Ser e Tempo*, exemplificaria que o homem, enquanto procura e caminha em direção ao questionamento, necessita de uma orientação prévia do procurado; e que, para isso, o sentido do ser já deve estar, de alguma maneira disponível. E continua Heidegger ao aludir que o movimento humano abrange sempre numa compreensão do ser e a tendência para o seu conceito; contudo, quando se indaga o que é ser, o interlocutor, sem sequer ter conhecimento do horizonte no qual seria inserido de modo a apreender e fixar-lhe o sentido; todavia, mantém-se apenas numa compreensão do que “é”<sup>4</sup>. No tocante ao discurso de Riobaldo, nota-se recorrentemente a nítida intenção do questionar-se em relação ao Amor por sobre si e os outros; e não só por suas reminiscências como também por intermédio do esboço de poesia. “*Amor é coragens*” – afirmara em certa ocasião o jagunço-narrador Riobaldo-Tatarana-Urutu-Branco. E o ser que personifica tal conceituação em todos os meandros e vertentes da narração é Diadorim que, desde a travessia do rio afluente do do-Chico, o de-Janeiro, quando Menino com o amigo esmoleiro, até o desenlace fatal com o assassino de seu pai-ídolo Joca Ramiro, o Hermógenes, não se permitiria qualquer espécie de questionamento de ordem moral, quanto à sentença de morte decretada aos ‘*judas traidores*’, Ricardão e Hermógenes. E assim não se possibilita tal questão por estar calcada na convicção híbrida de seu ser enigmático e ambíguo que se ocultaria, a princípio, por intermédio da indumentária e, sobretudo, da atitude de jagunço; e, posteriormente, em função da vingança pelo homicídio à traição cometido pelo judas-pactário<sup>5</sup>.

Em seu supracitado *Discurso*, o filósofo Sócrates propõe a Fedro que imaginasse um homem honesto e de costumes civilizados, que amasse outrora um jovem rapaz e o ouvisse afirmar que os amantes contendem com os seus amados por causa de razões vis e infundadas, que os invejam e os prejudicam. E, em consequência de tais situações, complementa ainda asseverando que esse ser amado julgaria estar dando atenção a indivíduos que jamais conheceram um nobre amor; porquanto um homem assim não concordaria com as censuras que dirigimos ao deus Eros. Quanto a esta questão, Voltaire contrapõe-se ao asseverar, no *Dicionário filosófico*, que o Amor passaria a ser o estofado da natureza bordado pela imaginação em assonância com o sentimento de amizade prescrito em lei e na religião entre os gregos, juntamente com a estima o reforça; no entanto, ressalva que infelizmente os costumes, que imputavam às leis abusos vergonhosos, toleravam a pederastia. Foucault preponderaria que nos registros textuais do século XIX, haveria um

---

<sup>4</sup> Ainda em *Ser e Tempo*, Martin Heidegger afirma que o conceito de « ser » é indefinível; e que essa vem a ser a conclusão tirada de sua máxima universalidade, de vez que não pode ser concebido como « ente » e nem derivar no sentido de uma definição a partir de conceitos superiores nem explicá-lo através de conceitos inferiores, poque é evidente por si mesmo. (HEIDEGGER, 2004, p.29)

<sup>5</sup> Em *Retórica das paixões*, no capítulo intitulado “Do amor e do ódio”, Aristóteles pondera que, no que concerne ao ódio e precisamente ao sentimento de rancor, seria evidente que se torna possível fazer uma análise atenta a partir dos elementos relacionados às formas de amizade, tais como companheirismo e familiaridade. Contudo, são causas do ódio, o ultraje e a calúnia; e, numa distinção entre o ódio e a cólera, o filósofo argumentaria que o primeiro surge mesmo sem nenhuma ligação pessoal, enquanto que a cólera provém daquilo que nos toca pessoalmente e volta-se para o individual. (ARISTÓTELES, 2003, pgs.27-9)

'*perfil-tipo*' do homossexual ou invertido, visto que seus gestos, sua postura, a maneira pela qual ele se enfeita, as expressões de sua face, sua anatomia e a morfologia feminina –, que se faria presente da descrição desestabilizadora dos indivíduos “a natureza se fez cúmplice da mentira sexual”. Entretanto, assevera Foucault que a caracterização de tal perfil, com traços essenciais, seria ainda muito mais antiga; porquanto, na Grécia Antiga, observar-se-ia no primeiro discurso de Sócrates, em *Fedro*, a alusão feita aos amantes repreendidos no tocante ao amor que se têm aos rapazes flácidos, educados na delicadeza da sombra, ornados de maquilagens e adereços. Simbolicamente representado pela emblemática personagem, tal elemento de oposição erótica originária da atroz dúvida de masculinidade do amante-orador confronta-se com o sacro desenlace restaurador da honra e da máscula virtude de jagunço inserida no percurso que margearia a emblemática travessia existencial de Riobaldo-Tatarana: o casório com a moça fazendeira, Otacília.

Esta conciliatória união matrimonial entre a moçoila fazendeira da Santa Catarina dos Buritis Altos e o propenso herdeiro do suposto padrinho Solorico Mendes vem a ser quase que santificada em suas súbitas reminiscências, designadas por emolduradas aparições da neta donzela de Nhô Anselmo, canonizadas por um esfacelado e multifacetado jagunço-narrador, em nítida desarmonia com o hibridismo da fragmentária imagem ao mesmo tempo ameaçadora e fascinante desta Maria Diadorim. Significante seria afirmar que entre o sacrílego, representado pelo binômio Diadorim/Nhorinhá – conquanto a narração não questione a sua condição de amante fiel amalgamada pelo silêncio de sua sexualidade; e o sacro simbolizado por Otacília, cujas alusões interpenetram-se por entre a volúpia dos pecados de gozo e prazer, diagnosticados pelo arcabouço das outras reconfortantes reminiscências referentes aos amores menores, fortuitos, Ros'uarda, Miosótis etc. Os desígnios possibilitados pelos sufrágios sutis de um erotismo seqüencial são oriundos da herdeira das feitiçarias do Amor prostituído, que encostam refestelados no '*bafo de menino pequeno*' de Nhorinhá – identificação nominal e imagem de mulher amada e prostituída por Riobaldo e '*por todos*'. Por intermédio deste raciocínio, estes binômios dicotomicamente opostos, tais como: profano-homossexualidade/sacro-matrimonial, se interpenetram a tal ponto do jagunço-narrador desejar: ora unir-se aos adocicados afagos em oficial companhia da '*prostitutriz*' Nhorinhá; ora aconchegar-se irresoluto em sua neblina amorosa simbolizada por Reinaldo; ora significam cumprir a sua sina conciliatória imposta pelo compromisso de noivado com Otacília.

Os elementos binários insurgentes na narração do *Grande sertão*; quer se apresentem acobertados por um colete de rude algodão e/ou tesoura de prata; quer sejam revestidos por uma promessa apalavrada de purificador véu de noivado com Otacília, com a hipótese da latente aproximação tácita e cúmplice de sua proibida paixão homossexual: “*Diadorim: que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo, eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para minha mão.* (ROSA, 1994, p.311) Inconscientemente na introspectiva abordagem de Riobaldo, o sacrilégio da homossexualidade e o sagrado da união matrimonial se unem em contraposição à imagem evangelicamente ultrajada da '*militriz*' da Aroeirinha ou do São Josezinho da Serra. Intencionalmente, o vocábulo que prefigura a identificação nominal desta figura '*casada com todos*', efêmera companhia de um nostálgico amante-narrador vem a representar uma espécie de supressão elíptica ou abreviação do vocábulo *se-nhorinh-á*, acentuando-se a última sílaba a fim de exacerbar o campo semântico incrustado na languidez e sevicia inseridas na trajetória da prostituta.

Destarte, poder-se-ia indagar se a supressão lingüística que propõe a abreviação do nome-título da meretriz filha de Ana Duzuza não seria a mesma que determina a oposição acentuadamente perante o companheiro d'armas travestido de homem e a donzela emoldurada de promessa e idealização: “Nhorinhá – florzinha amarela do chão, que diz: – Eu sou bonita!... E tudo neste mundo podia ser beleza, mas Diadorim escolhia era o ódio.” (ROSA, 1994, p.241)

A identificação nominal neste caso denotaria, por conseguinte, uma intencional antítese, a começar pelo vocábulo Nhorinhá, consoante representasse uma alusão simbólica por intermédio de uma sonoridade semanticamente corrompida, a partir da qual se originasse (se)Nhorinh(á), cortesã sertaneja amada por todos ou muitos andarilhos desconexos pelo mítico espaço geográfico. Conseqüentemente, sob os auspícios maternos, a cortesã sertaneja encontrava-se apta ao convívio de todos aqueles que lhe aproovessem ao gozo da luxuriante adocicada companhia efêmera. A sua lasciva figura de pecadora esbarraria também na fértil imaginação deste fazendeiro-orador na frágil e sacralizante imagem inserida num enquadro de janela da dócil branca virgem neta de Nhô Vô Anselmo, que viria a ser representada pela nossa-senhorinha Otacília da Fazenda Santa Catarina dos Buritis Altos. A imagem de mulher maculada pelo tríptico de Safo ou Sade: pecado/gozo/prazer, inseminado na invulgar labuta da prostituição – ou até mesmo à força obtivera sexualmente o corpo das mulheres em confessados estupros postos em narração –, Riobaldo-Tatarana se prostraria em nítida oposição ao enigma da sexualidade amalgamado ao percurso dúbio do enigmático Reinaldo/Diadorim.

Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles adverte que a amizade perfeita é existente entre pessoas boas e semelhantes em termos de excelência moral; e que esta é emoção, enquanto o Amor é uma disposição do caráter<sup>6</sup>. As asserções de Kant abarcam o sentimento de todo simples e rude nas inclinações sexuais conduziria diretamente ao grande fim da natureza; e, na medida em que se cumpririam exigências carnis, é destinado a tornar a pessoa satisfeita; só que, em razão de sua grande generalidade, converte-se facilmente em excesso e libertinagem. No capítulo “Elogio ao Amor”, no *Fedro*, chama atenção para o fato de que, quando se possui um amante, não seria prudente conceder mais favores a um outro não-apaixonado, de modo que aquele se tornaria enlouquecido, enquanto este posaria como detentor de discernimento. Isto porque propõe Sócrates que o delírio humano propositado pelo Amor sobrepujaria o sentimento sensato, por intermédio dos arquétipos da inspiração das Musas, de cujas vantagens enviadas ao amante derivam os deuses e ao amado não pela utilidade material, mas pelos umbrais da arte poética e da felicidade. A intimidação ciumenta representa um processo de nítida progressão no percurso da estória, até resvalar na crucial discussão entre ambos Maria Reinaldo Diadorim e Riobaldo-Tatarana, de cujas conseqüências resultariam na ameaça de assassínio da feiticeira Ana Duzuza, mãe de

---

<sup>6</sup> O filósofo Nietzsche, no discurso «Do amigo», em *Assim falava Zaratustra*, apresenta interessante constatação em relação aos enlevos amigáveis, quando intercala posicionamentos recíprocos ao revelar que um solitário importuna sempre com insistência – um sempre acaba por fazer dois, de modo que o Eu e o Mim estão sempre em palestras incessantes; e, justo por esta razão, como suportar isto se não houvesse uma amizade. E, por este raciocínio, observa que quem vive em solidão busca no amigo sempre o terceiro elemento, que representaria a válvula que tolheria a conversação dos dois de se precipitarem nos abismos do ser humano. (NIETZSCHE, 2002, p.43)

Nhorinhá, e a posterior revelação de paternidade homologada de Diadorim por parte de Joca Ramiro. De certa forma, o episódio de encontro com a meretriz sertaneja Nhorinhá e a posterior revelação de Reinaldo obrigam a narrativa a retomar os reflexos psicológicos de origem sexual deste Riobaldo, roto e abarrotado pelo ressentimento e ciúmes do companheiro e medo da perda da amante prostituta. Não obstante, estas incursões introspectivas e poéticas subdividem-se ainda mais o inconstante espírito arredio deste herói com reumatismo, já assaz atormentado pelo pacto das Veredas Mortas. Assim, dimensionando-o a um tríptico sentimental, de modo que as origens serão apaziguadas, ou mesmo redimidas, por ocasião de três episódios narrativos:

a) a inusitada morte sangrenta do companheiro d'armas e paixões, Reinaldo/Diadorim, em confronto com o judas-pactário, Hermógenes, no duelo do Paredão-tão, que deflagraria a contestação de sua pusilanimidade sexual, ao passo que confirmaria, aliando-se as paixões corriqueiras, a masculinidade do jagunço-narrador;

b) o ignoto paradeiro da *militriz* Nhorinhá, filha da feiticeira Ana Duzuzá, até a esfarrapada chegada de sua retardatária correspondência uma das propriedades rurais, escrita por alheia mão, já em estado amarelado de papel manuseado pelo tempo e tropeiros;

c) o transparente e redentor desenlace afetivo-esponsal com a sua-nossa senhorinha fazendeira dos Buritis-Altos dos Gerais rosianos, a 'abençoável' Otacília – responsável pelo remorso ocasionado pela traição à 'neblina' de homossexualidade em seu Amor renegado e proibido.

No livro *Crivo de Papel*, no capítulo intitulado de "Sagarana a Grande sertão: veredas", Benedito Nunes arremata que, seguindo a indicação de Tolstoi, Guimarães Rosa permaneceu sempre nos limites da 'descrição' de sua aldeia, até mesmo na matéria da linguagem; a fala dos personagens e a expressão do discurso narrativo vicejam aí da própria terra, provedora de metáforas, comparações, provérbios, toadas, adivinhas de atribuído teor anônimo e popular; todavia, o discurso monológico ultrapassaria o localismo regionalista, ao sofrer uma espécie de conversão poética (NUNES, 1998, p. 249). Em *História da Literatura Erótica*, o pesquisador Alexandrian registraria um depoimento de George Bataille em que o autor declara que, no seu entender, a desordem sexual é maldita, já que a esse respeito, apesar da aparência, se oporia à tendência daqueles que vêm no esquecimento dos interditos sexuais uma saída; pois, salientaria, até a possibilidade humana depende daqueles que sofrem privações de ordem sexual. E a partir desta asserção, Bataille assegura que o homem tem necessidade de que certas idéias e ações relacionadas à sexualidade lhe sejam proibidas pela moral, a fim de que possa assumir seus desejos eróticos como uma transcendência, e não como uma queda na bestialidade. Diante da emblemática paixão propositada por Reinaldo/Diadorim, em outra ocasião, ao deitar-se, preparando-se para a travessia do Liso do Suçuarão, as suposições ou roposições utópicas pelo viés de devaneios sulfúreos deste sertanejo Riobaldo-Tatarana conduzem o jagunço-enamorado ao afã de cogitar, em *sonhice*, a possibilidade psicodélica do dócil-feroz moço dos verdes olhos poder magicamente passar inadvertidamente sob as transformadoras sete cores de um arco-íris.

A personagem Reinaldo, como por lendário ou mítico encanto, transformar-se-ia numa aceitável paixão de mulher, adequando-se aos moldes femininos idealizados pelo fazendeiro-orador, ao adquirir uma providencial substituição de identidade pelo viés de sua alteração sexual. Curiosamente, o que impele tal transmutação no âmbito da sexualidade

seriam os vestígios de sangue em seu corpo de mulher derramado, obrigando a Mulher de Hermógenes revelar o indecifrável e crucial segredo de sexualidade e destino ou o enigma de Diadorim. Por conseguinte, tornando-se a companheira legitimamente possível de ser possuída em sua áspera realidade de homem apaixonado por outro homem, diante da paisagem desértica a ser ultrapassada pelo bando de Medeiro Vaz, que induziria Riobaldo-Tatarana à decantada *'sonhice'* do arco-íris. As tais *'traves que fecham os olhos'* de Riobaldo originam-se em dois elementos reais que, possivelmente, ao ver do jagunço-narrador, impulsionam-no à extravagante e idílica quimera com Diadorim transformada em mulher pela lendária passagem sob as cores do arco-íris. Em primeiro plano, a sandice do chefe dos jagunços Medeiro Vaz ao propor a travessia do Liso do Suçuarão; e, posteriormente, o pacto do assassino de Joca Ramiro, Hermógenes, com o *cujo* ambíguo Lúcifer (in)existente da Veredas Altas. Por intermédio desta mal findada desértica incursão, o bando dos jagunços denominado os *'urutus-brancos'* surpreenderia o judas-pactário Hermógenes, ao tomar a sua esposa, a Mulher, como refém demoníaca batalha de guerra, forçando-o ao derradeiro combate nas fronteiras do território da Bahia, conforme antecipadamente propusera Diadorim.

O pseudo-cavaleiro-orador se refaz ao descontar-se, ao passo que haja alternância entre a sapiência empírica do conhecer-se e as aflitivas indagações não oniscientes do ignorante barranqueiro do rio São Chico. Tais referências aos desenredos da trama induzem o interlocutor-leitor a atentar para as propícias antecipações e divagações narrativas, que permeiam os episódios explicitamente cadenciados por incompreensíveis confabulações desmemoriadas, expostas ao afônico hóspede supostamente detentor de ilustríssima erudição. Porém, mesmo vencido o herói-narrador no cerne do sentimento amoroso; invencível há de ser o percurso épico de suas reminiscências que, ora se desmembram, ora se alicerçam em lânguidos sustentáculos erótico-existenciais, embutidos nos desamores de um Riobaldo Professor/Tatarana/Urutu-Branco. Fragmentado também num tríptico em sua identificação nominal ao longo de sua odisséia medievo-sertaneja, o jagunço-orador desmembra-se assim como também em seu tríptico *ser... tão*, que o desnorteia pelas insólitas margens da eflúvia narração, que deságuam, tal qual *rio... baldo*, quer na imagem ambigualmente sóbria e hermética de Maria Diadorim: quer na explícita sensualidade cheirosa e prazerosamente insurgida na formosura de Nhorinhá; ou na simplicidade de bênção divina sobrevinda da sacrossanta e frágil imagem da emoldurada fazendeira Otacília. De certa maneira, Reinaldo, inclusive, poderia vir a ser comparada ao temível chefe de jagunços Joãozinho Bem-Bem, por portar-se sempre de modo a rejeitar o convívio com mulheres de qualquer espécie, mesmo sendo valente guerreiro de corpo-fechado a toda instância e hora, com inúmeras mortes e malvezas justiceiras nas costas.

A analogia ao chefe dos jagunços de *A hora e a vez de Augusto Matraga* vem a ser proposta por conta do moço dos olhos verdes não aferir aos ímpetus sexuais intrínsecos aos peregrinos bandos de Medeiro Vaz ou Zé Bebelo que inclusive, em certa ocasião, declararia: *“Onde é que se viu homem se valer, se não tem à mão estadas raparigas? Ond' é?”* (ROSA, 1994, p.88) E diante dessa lei dos homens do sertão, Diadorim sofria o seu silêncio: *“Mulher é gente tão infeliz...”* (ROSA, 1994, p.114) E, no íntimo sôfrega, a herdeira de Joca Ramiro prosseguiria na travessia dos *lisos* confins dos Gerais, enquanto ainda não rompera o momento da revelação de sua nebulosamente bela identidade de fêmea, que desejava e retrai-se diante do ser amado, de vez que, entre a revelação do segredo

e o amor por Riobaldo, avultava-se a onipotente vingança pela morte do pai assassinado à traição.

Ao focar o tal assombroso e rijo Reinaldo, ao contrário do irrefreável jagunço-narrador, mantém-se lúcido, impassível, hermético, encobrendo silenciosamente, com equilíbrio e sensatez, o desvairado ciúme propositado pela desassombrada castidade-pureza da donzela casadoira Otacília; ou mesmo pelas artimanhas terças provindas da dama 'namorã' repleta de adocicados sacrilégios de gozo e feitiços, a moça Nhorinhá. Além disto, Reinaldo/Diadorim ainda consegue rejeitar as mais infundadas propostas de convivência longínqua numa estância rural paradisíaca ou num oásis sertanejo ignoto ou imaginário, fazendo par e companhia à sua explicitada paixão, proveniente de uma atitude ou proposta desertora de jagunçagem, pondo de lado a vingança pela morte do pai-ídolo Joca Ramiro. Inusitadas proposições que impelem o enigmático andrógino ainda a ser obrigado a responder as insólitas indagações referentes ao enigmático passado pelo sertanejo-orador, quando a apartados do bando de marginais justiceiros.

Diante da impossibilidade de companhia a sós, com Diadorim, distanciando-a da vingança pelo assassinio do chefe político, sob proposição de uma existência espúria calcada na clandestina origem sertanejo-andarilha, ou mesmo diante de uma certeza de aproximação de amizade mais íntima com o intrépido moço dos olhos verdes, Riobaldo-orador ainda acena com uma, a princípio, estapafúrdia proposta de união a três. E que, ao que parece, dói mais em si, quando propõe conciliar por intermédio de um forçoso convívio ou infundada aproximação as suas duas paixões, Diadorim e Otacília: *"...Mas, porém, quando isto tudo findar, Diá, Di, então, quando eu casar, tu deve de vir viver em companhia com a gente, numa fazenda, em boa beira do Urucuia."* (ROSA, 1994, p.373)

Em seu contumaz estado silencioso, Diadorim não se atém apenas às fugazes solicitações de abandono do jaguncismo e, conseqüentemente, de seu ideal de ódio-vingança, descartando a proposta de ir juntar-se ao propenso fazendeiro nas barrancas do rio São Chico ou ainda em quaisquer outras paragens de uma desmemória fértil, em insuspeito tríptico composto ainda por Riobaldo-Tatarana e mais a 'abençoável' nossa-senhorinha, Otacília. Cabe acrescentar que esta emblemática figura de mulher-homem hermafrodita, em várias ocasiões da narração, quando a sós, ora acena-lhe com a revelação de um segredo referente a uma alcunha intimamente sussurrada: Diadorim; ora insinua-se sutilmente com a súbita renúncia, sob juramento, do jagunço-narrador aos prazeres ou tentações da carne, do mítico Eros em disfarces de homossexualidade.

Tentações prazerosas estas que Riobaldo, diante de algumas meretrizes ou mulheres casadas dos confins dos gerais, prontamente não resiste, deixando de lhe atender as vontades de absurda fidelidade sexual, não cumprindo o trato ou promessa de desenfreada abstinência perante os corpos femininos. Tal referência decorre do farto do herói-narrador esbarrasse no sofrimento de outrem e se martirize por uma conduta de liberdade heterossexual, que se deflagra contrariamente na fidelidade originária de sua implícita e reprimida bissexualidade, pelo viés de inúmeras vertentes introspectivas e associações de

fluxos de consciência remanescentes de um desejo refreado pela imposição sócio-temporal da incondicional pragmática enredada pela trama<sup>7</sup>.

O percurso-estória de Reinaldo/Diadorim findou-se para reiniciar-se a da fazendeira Otacília da Santa Catarina dos Buritis Altos, quase que em detrimento da coexistência da figura da meretriz filha da velha feiticeira Ana Duzuza, Nhorinhá. Interessante ressaltar que, dentro desta concepção, no *Grande Sertão*, a narrativa reserva à moça prostituída, ao invés da trágica notícia de morte, apenas a boa nova de seu até então ignorado paradeiro, por intermédio de uma retardatária e amarelada missiva trazida por mãos de um ignaro tropeiro ou viajante. O barranqueiro do rio Chico só receberia a correspondência quando casado com Otacília, oito anos após ser escrita: “*Mire veja: aquela moça, meretriz, por lindo nome Nhorinhá, filha de Ana Duzuza: um dia eu recebi dela uma carta: carta simples, pedindo notícias e dando lembranças, escrita, acho que, por outra alheia mão.*” (ROSA, 1994, p.68)

Seria por certo explicitar que essa a última referência a respeito da prostituta da Aroeirinha retratada de forma adocicada e prazerosa, situando-se, conforme fora registrado, na semântica da identificação nominal, como Nhorinhá, não fosse o ir e vir das reminiscências deste Riobaldo-narrador, que vez ou outra a insere no tríptico amoroso do *Grande sertão*, ao lado de suas outras duas mencionadas paixões. De certa forma, o destino ignorado da meretriz esbarra na ordem do jagunço Urutu-Branco de enterrar o corpo andrógino<sup>8</sup> de Diadorim em sepultura desconhecida, resguardando-lhe a narrativa do idêntico desfecho incógnito para ambas as paixões entrelaçadas.

Nesse âmbito das intrínsecas reminiscências postas numa espécie de aflitiva confissão, caberia também mencionar que Riobaldo travaria e vivenciaria apenas uma ocasião de encontro com as distintas pretendentes, Otacília e Nhorinhá, antes de tal desenlace, a almejada condição matrimonial, recorrentemente referida pelo referido herói-narrador. E estas tais singelas enamoradas figuras passíveis de um desenredo esponsal, situam-se, apenas, no âmbito das lembranças, da consciente e prodigiosa desmemória do abarrancado proprietário de três fazendas herdadas, duas do pai-*padrinho* Solorico Mendes, e a Santa Catarina do Nho Vô Anselmo e do Sor Amadeu, avô e pai da moça Otacília.

Enquanto inserem-se à sua trajetória guerreira as duas outras paixões bifurcadas perante o desejo homossexual representado por Reinaldo/Diadorim, que reparte os conflitos amoroso-sexuais com o sertanejo Riobaldo-Tatarana, juntamente com a realidade das

---

<sup>7</sup> Na *História social da arte e da literatura*, Arnold Hauser, ao analisar o romance *Ulisses*, de autoria de James Joyce, considerando-o a continuação direta do romance proustiano, ressalta e testifica que ao abandono do enredo segue-se o do herói, por intermédio de um fluxo de idéias e associações, de tal modo que, em vez de um protagonista, apresenta-se uma corrente de consciência, entranhada num ininterrupto e interminável monólogo interior. (HAUSER, 1995, p. 969-70)

<sup>8</sup> O termo andrógino ou o vocábulo androginia recorrentemente utilizado no decorrer desta pesquisa foram retirados e são oriundos das conversações referentes ao Amor, n’*O Banquete*, de Platão, quando Aristófanes profere o seu discurso, na verdade o terceiro sobre Eros, realçando que, antigamente havia, ao invés de dois como persiste até hoje, três sexos; porquanto a estes se juntava o sexo andrógino. Todavia, ressalta o conviva grego, só a denominação chegara até aqueles e estes dias já bastante desmoralizado, a partir da decisão de Zeus que, diante de intrépidos humanos seres, resolveu enfraquecê-los, separando-os sob forma de punição à afronta de desafiarem os deuses do Olimpo. (PLATÃO, 2001, p.45-6)

situações de sobrevivência, emboscadas, combates juntamente com a rispidez das fugas apressadas e estratégicas das autoridades policiais. Somados a isto, ainda encontram-se os confrontos múltiplos com os *judas* inimigos dos Hermógenes, além de toda sorte de confabulações de vinganças, cercos, tiroteios, traições etc. Neste contexto, a incógnita e ameaçadora presença de Reinaldo, travestido de valente guerreiro, só poderia mesmo ser inserida nos esdrúxulos projetos de aproximação e sossego de fazenda em boa beira do Urucuia, ao lado da abençoada nossa-senhorinha: amém.

Ou então por intermédio de um faz de conta da fábula ou lenda transformadora do arco-íris, que diz que o homem, ao passar por debaixo de suas sete cores, transformar-se-á em formosa mulher, ou vice-versa. Por esta razão, ao referirem-se às prefigurações de Nhorinhá ou Otacília, as descrições físicas provenientes deste Riobaldo-orador, ou mesmo das ocasiões de encontro amorosas, são assaz amalgamadas pela já mencionada nostalgia que, por certo, encobriria proposital ou inconscientemente o afã de entregar-se ao dócil-arredio companheiro dos olhos verdes, Maria Diadorim, mesmo quando pelejando ao lado subchefe dos ramiros, Hermógenes.

Em contrapartida, como num redemoinho de idéias e recordações, a imagem da meretriz agora situada no São Josezinho da Serra lhe surgiria, inopinadamente conforme um suspiro de Amor saudoso, possibilitando ao jagunço-orador uma possibilidade de deserção amorosa, ao mesmo tempo em que se proporia a ruptura da estória em seu ápice e desfecho – o combate do Paredão e o subsequente sangrento duelo Reinaldo-Hermógenes. Em razão da inusitada união matrimonial com a filha de Ana Duzuza, a prostituta Nhorinhá, esta opção se insurgiria em detrimento de sua missão de vingança por Joca Ramiro e seu atormentado sentimento de amizade destinado ao valente-delicado companheiro de segredos e ‘*sonhices*’.

Nas *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, Emmanuel Kant assevera que todo encanto, seja proveniente do âmbito masculino, feminino ou de origem diversa, permeia, na realidade o impulso sexual, já que a natureza humana persegue seu intento por intermédio de predileções saudáveis e rústicas, que pouco serão tocadas pelo encanto do decoro, da fisionomia, e dos olhos da mulher. E, visto orientar-se apenas para o sexo, acresceria Kant, o ser humano considera os mais das vezes os refinamentos alheios como relacionamentos inúteis. Em retorno à sua *História da sexualidade*, Michel Foucault salientaria que o domínio dos amores masculinos pôde muito bem ser ‘*livre*’ na Antigüidade grega, aliás os procedimentos carnais eram bem mais aceitos do nas sociedades européias; no entanto, observa o filósofo, não resta dúvida que logo se vêm marcar intensas reações negativas e formas de desqualificação que irão se prolongar por séculos.

A possibilidade de unir-se com a moça sertaneja *namorã de tantos homens* provocaria um forçado desvio da trajetória da rústica e estúrdia narração, alterando o desfecho da obra literária, no tocante ao mistério da descoberta do enigmático segredo de Reinaldo e o desenlace matrimonial, com a *abençoável* Otacília da Fazenda Santa Catarina dos Buritis Altos, na Serra dos Gerais. Instigaria quiçá também complementar que as expectativas deste suposto hóspede-leitor, sustida pela narrativa num admirável jogo antecipações e recuos cronológicos, ao que se refere desde o surgimento daquela ‘*criatura de belezas de carinha redonda entre compridos cabelos de estilo dela toda exata*’. Constatam-se as tais intercalações discursivas desde a aproximação do imaginário deposto na figura da virgem-fazendeira Otacília, até entrelaçar-se com as reminiscências referentes ao emblemático Menino-Moço, transfigurado simbolicamente em elemento de

oposição ao que poderia ter sido aquele amor enviado por mal-querências do abominável invisível-onipotente ser das Veredas Mortas, o *'Que-Diga'*.

Por estes preâmbulos de fazer se descontar, do dizer-se e narrar do *Grande Sertão*, os episódios posteriores às tais antecipações narrativas da estória, sorrateiramente, desalinham-se, entrecortados por um discurso permeado de nostálgicas reminiscências de Riobaldo, após apenas tê-la vista emoldurada *'num enquadro de janela'*. A purificada imagem quase santificada de Otacília impulsiona antecipadamente um duelo imaginário de idéias antagônicas, refletidas na figura guerreira de Reinaldo/Diadorim, tal qual o fatídico confronto com Hermógenes após as intróitos desígnios e paragens do Tamanduá-tão/Paredão ou mesmo o episódio do desafiador pacto com o desalmado demônio fáustico inquiridor.

*Em Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*, Marshall Berman teceria razoável alusão ao intensificar a discussão em torno do Fausto de Goethe, lembrando que a força vital que distingue a personagem pactária dos antecessores, gerando muito de sua riqueza e dinamismo, quando se desvencilha das primitivas encarnações da personagem, que o precederam. Isto porque diante de todas as recriações faustianas, prosseguiria Berman, haveria o episódio da comercialização da alma, em troca e obtenção de determinados bens: dinheiro, sexo, fama e glória, enquanto a criação romântica alemã reivindica tais benefícios pelo que representam em si mesmos. (BERMAN, 1986, p.45)

Neste caso também se inseriria o jagunço-narrador de Rosa de forma inovadora, pois que ao adentrar as Veredas Mortas não requer para si nenhum proveito palpável a não ser o inexplicável afã, pelo que consta em sua travessia, de igualar-se em força e poder ao pactário Hermógenes para enfrentá-lo de igual para igual, sem razão aparente que não seja a paixão por Diadorim.

Em seguida a esse encontro com a moça Otacília, Riobaldo prosseguiria o relato ou confissão referente ao episódio daquela mencionada flor branca, espécie de lírio sertanejo, denominada *'liroliro'*, ou que, dependendo da condição da mulher indagada sobre a sua identificação nominal, a resposta para os namorados ou amantes poderia vir a ser *casa* ou *dorme* comigo. Neste ínterim, Riobaldo observa que a nossa-senhorinha casadoira da Fazenda Santa Catarina, ao responder-lhe *'casa comigo'*, depositara na voz sentimento de amor, mas revela ao leitor um *'curto lisim de dúvida'* que, entretanto, fizera apenas minar o seu *'maisquerer'* pela donzela fazendeira neta-herdeira de Nhô Vô Anselmo.

O jagunço-narrador acrescenta ainda que, caso a indagação fosse feita à prostituta Nhorinhá, as palavras da meretriz seriam outras, de vez que as mulheres *'livres'* e *'dadas'* deveriam convenientemente responder-lhe, como já fora mencionado, um convidativo e complacente *'dorme comigo'*. E o emblemático Diadorim, o que lhe responderia a esta indagação?... A Reinaldo, Otacília responde que a flor se chama *'liroliro'*. Enfim, observar-se-á que esta ocasião da narrativa vem a ser seguida das idiosincrasias deste Riobaldo-narrador, a respeito do corpo claro e desnudo de seu Amor, morto, esfaqueado e ensangüentado, como se porventura estivesse renunciando a um desavisado

hóspede/leitor/ouvinte, que este ‘*casar-se comigo*’ de Otacília estaria interligado ao desaparecimento físico de sua outra paixão proibida, impossível, dúbia e ambígua... Diadorim.

## **Parte II : Diadorim – a invenção do Amor?**

Em *Mimesis*, no capítulo denominado “A Dulcinéia encantada”, Erich Auerbach enfatiza que o sentimento amoroso de Dom Quixote por sua musa inspiradora é verdadeiro e profundo, uma vez que a aldeã de Toboso é realmente senhora de seus pensamentos; e o fidalgo estaria mesmo imbuído de uma missão considerada como o mais alto dever de um cavaleiro andante portador de fidelidade, valentia e sacrifício humano. Na obra roseana, o jagunço-narrador possivelmente se equiparara ao Cavaleiro da Triste Figura quando com as mesmas ferramentas e instrumentos psicológicos, embora busque alternativas ilusórias para a concretização daquele Amor proibido – o arco-íris, o ente consanguíneo –, a paixão por Reinaldo/Diadorim é real e verdadeira. Só que em vez da alucinante criação feminina proposta por Cervantes para justificar os feitos de herói, em Guimarães Rosa a narração propõe a inserção da problematização da homossexualidade. A esta subsequente interpretação ou alusão à hermenêutica proposta pelo estudo em questão serão inseridos os estudos de ordem crítico-literário-filosófica de autoria de Aristóteles, com sua *Ética a Nicômaco*; as *Contribuições à psicologia do amor*, de Sigmund Freud, aliados ao tratado estético de Paul Valéry, entre outros, contribuindo como arcabouço teórico do objeto de pesquisa.

Na dialética narração transposta em monólogo, constata-se que o discurso vem a ser calcado num vigoroso ‘*dizer-se*’ do jagunço-orador, entrelaçando a escrita da obra literária aos falares calcados em arcaísmos e neologismos, que se infundiriam vez por outra num ou outro vocábulo, de um sertão quase que imaginariamente inventado no âmbito da linguagem artística. Interpretar o rebuscado palavrão de Riobaldo, por conseguinte, por assim dizer, é também propor uma posterior exposição à vertente criação artístico-humana; ou seja, dar sentido, dizer o fim, significar o objetivo do verbalmente inaudito por um ser rústico e semiletrado indivíduo. Em *As formas do falso*, Walnice Nogueira Galvão tocara na questão da analogia entre o cavaleiro andante e o jagunço, ao dizer que a tradição atribui a estes últimos traços cavalheirescos, quando reconhece e premia a valentia de um inimigo, respeita mulheres, crianças e velhos e tira dos ricos para entregar aos pobres. Entretanto, alerta Nogueira Galvão para o fato de que, se não assassina guerreira; se não rouba, saqueia e pilha. No bojo desta contestação, surgiria a primeira ameaça à hierarquia e ao comando do bando de jagunços por parte do já pactário Riobaldo-Tatarana, nitidamente disposto a afrontar qualquer espécie de desmando ou autoridade proveniente de seu aliado mais constante, de vez que juntos prosseguiram no intuito das perseguições que demarcam a narração: a dos jagunços chefiados por Joca Ramiro e a dos seus respectivos assassinos. O sentimento de ódio nutrido pelo Hermógenes que o chefe Urutu-Branco não soubera explicitar não seria proveniente de seu Amor por Reinaldo, que o impeliria às Veredas Mortas e também ao inconseqüente oferecimento da alma em troca de derrota do inimigo assassino? Quiçá seja importante atentar para a problematização autoral sutilmente imposta ao leitor: enquanto que o chefe de jagunços com os seus comandados impõe à humilhação da derrota ao inimigo e cumprimento da promessa de vingança assumido com o seu

companheiro apaixonado, Riobaldo sofre de imediato a perda de algo tão valioso quanto, com o pacto metafísico arranjado, a sua alma-gêmea.

O filósofo Paul Valéry, em seu discurso, ressalta que a estética desenvolveu-se *in abstracto* no espaço do pensamento puro, a partir dos elementos ou resíduos brutos da linguagem comum. A narração, num mesmo processo dialógico com a concepção de estética proposta por Valéry, incorporaria por vezes a proposição dialética entre pólos dicotômicos: Deus-amor-Diadorim/Demo-ódio-Hermógenes: “Diadorim vigiou aquelas diferenças: ele temeu; temeu por minha salvação, a minha perdição. Ou foi que minha Nossa Senhora da Abadia mandou que assim tivesse de ser?” (ROSA, 1994, p.296) O percurso do feroz jagunço que incorpora, no decorrer da atração de Riobaldo por outro homem, a princípio, elementos antitéticos que se entrelaçam numa estupenda tessitura lingüística, tais como um sentimento amoroso proveniente do Demo, conforme vem a ser comparado o afã carnal designado ao companheiro sertanejo. De outra feita, o fato da existência do andrógino-emblemático Reinaldo/Maria Deodorina ser permeada pelo ódio de vingança pela morte de Joca Ramiro, que encobria ou suplantaria a tal paixão homossexual, fazendo com que a intrincada fabulação reforçasse o distanciamento inconsciente de Riobaldo. O afastamento da personagem tenazmente se percebe quando se encontra assombrado pela híbrida proposição de seu Amor entremeado por sentimentos e ações, que ultrapassariam a compreensão do apaixonado jagunço-orador muito além da questão do apaixonar-se por outro homem d’armas: “E Diadorim? Me fez medo. Ele estava com meia raiva. O que é dose de ódio – que vai buscar outros ódios. Diadorim era mais do ódio do que do amor?” (ROSA, 1994, p.125) O discurso de Pausânias, n’*O Banquete* de Platão, destacaria que antes de se tecer o elogio a Eros, deveriam definir a qual dos deuses do Amor teriam de enaltecer, o oriundo de Afrodite pandêmia, de origem vulgar e bissexual; e o proveniente de Afrodite urânia, sem arroubamentos e de ordem homossexual. Por esta mesma razão, o Riobaldo ao propor a tessitura de fábulas e reticências, juntamente com o seu relato entrecortado de poesia e emoção, incide na contraproposição de arquétipos, de cujos desígnios irão se confrontar de modo a impulsionar o enredo delineado por digressões e antecipações narrativas. Neste âmbito, a sua arcaizante confabulação – a estória a ser contada sob os auspícios dos resíduos da linguagem coloquial –, no bojo de uma imposição hospitaleiramente metafórica de três dias, esbarra, roça, margeia recorrentemente a entrelaçada e implícita temática do assombroso poder enigmático e sutil sobreposto no entrediscurso. A constatação se alicerça, muito principalmente, nas ações e aproximações de Reinaldo/Diadorim, que ora o seduziam reconfortando-o num híbrido de resignação amorosa e ignomínia espírito-sexual; ora o impulsionavam às mais recônditas e repugnáveis paragens de seu ser agonizante em delação intrínseca à função de quem se expõe ou depõe a outrem, amparado por outros amores (in)imagináveis.

Em seus *Ensaio*s, Montaigne explicita aos leitores que, passando por Vitry-François, pôde observar um homem que um certo bispo de Soissons chamara pelo nome de Germano na crisma; e que, até a idade de vinte e dois anos, todos os habitantes de lá conheceram e viram na aldeia mulher *feita*, que se chamava Maria. Naquela ocasião, complementarmente Montaigne, que o tal sujeito andrógino era muito barbudo, e velho, e jamais casara com ninguém. Ainda n’*O Banquete*, a fala de Aristófanes desemboca na definição dos seres andróginos que, juntamente com o masculino, originado do sol; e o feminino, da terra, pertencentes ao sexo misto, seriam provindos da lua, que tanto participaria de um quanto do outro. E os indivíduos que provêm do gênero híbrido, de

acordo com Aristófanos, seriam os insaciáveis amantes, os adúlteros e as mulheres que se apaixonam por homens. Em outro episódio poeticamente descrito já nos territórios das Minas Gerais, Carlos Drummond de Andrade também criara uma espécie de canção ou poemeto posto em cantata, intitulado *A estória de João-Joana*, que se refere ao mítico e intrincado percurso de uma personagem ambígua que de fato não viria a ser. No caso de Reinaldo/Diadorim não houvera o episódio do arco-íris tal qual Riobaldo-narrador aventara para a possibilidade de que o valente companheiro dos ternos olhos verdes atravessasse por debaixo do poder transformador de suas sete cores nem sequer obteve o sentencial dizer de sua mãe referente ao fato de *'vestir calça e não saia como eu (ela)'*. Aliás não há nenhuma alusão à figura materna esposa de Joca Ramiro no decorrer do *Grande sertão*, ao contrário da Bigri, mãe de Riobaldo que, por intermédio de uma promessa católica, o impele a condição de esmolar à beira de um cais ou porto, numas longínquas paragens do rio de-Janeiro. E também quanto ao fato de Diadorim desabrochar em Joana ou Maria não se propusera na narração a hipótese da transformação física, tal como ocorrera no instante em que Maria Germano saltara lisonjeira e cabalmente com demasiada força para advir a revelação de sua masculinidade.

A respeito da transformação de Diadorim em Reinaldo jagunço, a narrativa não permite ou possibilita em hipótese alguma ao leitor sequer vestígios, pistas ou veredas a se percorrer, impedindo, destarte, se desvendar o segredo ou razão de tal indócil e obscuro travestimento da enigmática personagem filha de Joca Ramiro. Observa-se, porém, que o fato desta Maria Deodorina ser a herdeira do chefe político daquele inimaginável sertão das gerais, um homem d'armas e desmandos, poderia possivelmente acarretar na tomada de atitude de travestir-se de homem, antes mesmo da puberdade que, sem explícitos sobressaltos ou hesitações, a impulsionaria ao patamar de menina-moça travestida de feroz valente-guerreiro. O fazendeiro-orador propõe ao hóspede-leitor que *'imagine'* e faz o leitor reportar com ele (narrador) ao episódio do encontro com o Menino-Diadorim: com chapéu-de-couro, pitando cigarro e os olhos *'aos-grandes, verdes'*. Num outro momento narrativo, este mesmo Riobaldo faz alusão ao fato de Reinaldo *'pitar muito'*; e, recorrentemente, à tonalidade de cor dos seus olhos. À narração vêm a ser inseridos outrora elementos característicos e específicos, que comporiam o percurso do jagunço-personagem, tais como: a dessemelhança do aspecto físico; as finas feições brancas; a voz muito leve e aprazível; o realce de simplicidade na ação e, sobretudo, na condução das atitudes; e a despropositada coragem à flor da pele etc. Em *À sombra das raparigas em flor*, o narrador proustiano apontaria para o fato de que cada criatura representaria a imagem destruída, quando a sua presença física se esvairia; e que, logo a seguir, o seu reaparecimento é uma nova criação, diversa da que a precedeu imediatamente, senão de todas. Nas clandestinas travessias íntimas do monólogo em questão, esta menção à exegese da recriação humana proposta por Marcel Proust desembocaria nas reminiscências de um jagunço-narrador que, a todo instante, indubitavelmente vem a ser apossado pela força de seu poder de persuasão, ou mesmo mediante a silenciosa sedução feminina ou homossexual. E assim a narração reinventaria a imagem recomposta por Reinaldo/Diadorim a cada reaparição deste emblemático enigma de mulher apaixonada, resguardada em seus silêncios nos instantes mais obscuros de seu ser de corpo-fechado, que o confunde e inabilita Riobaldo à real concretização de seus desejos e gozos, posto que de caráter homossexual.

Num fragmento de sua *Metafísica do Amor*, publicado no livro *O Amor segundo os filósofos*, Arthur Schopenhauer prepondera que toda pessoa que se apaixonou, por mais etéreo que possa parecer o seu sentimento amoroso, na realidade, estará sempre imbricado

exclusivamente no instinto propiciado pelo sexo, de modo que a paixão não seria senão um mero impulso de uma sexualidade mais determinado, mais especializado e melhor individualizado no sentido mais estrito de suas premissas, graduações e matizes. Por esta dúvida concepção, Riobaldo-Tatarana entabularia pelo viés de uma retórica não linear a sua insólita confissão desequilibrando-se por sobre dois outros sentimentos aparentemente díspares e dicotômicos, centralizados nas figuras de Otacília-Nhorinhá, que compõem a híbrida inserção da trajetória de suas antigas reminiscências: “*Deamar, deamo... Relembro Diadorim. Minha mulher que não me ouça. Moço: toda saudade é uma espécie de velhice.*” (ROSA, 1994, p.31) Em *Contribuições à Psicologia do Amor*, Sigmund Freud asseveraria que a investigação psicanalítica leva a crer que os homens são impulsionados de volta a uma época na vida do Menino em que ele adquire conhecimento mais ou menos completo das relações sexuais entre os adultos, aproximadamente em torno dos anos da pré-adolescência. Em *Grande sertão: veredas*, o jagunço-narrador Riobaldo ainda no cais ou porto do de-Janeiro, nos momentos que precedem a travessia do rio ‘*numa bamba canoa, toda a vida*’ em companhia do Menino dos olhos verdes, vem a ser absorvido por três espécies de vergonhas ocasionadas, em primeiro lugar, por sua flagrante situação de pedinte; a seguir, pelo medo de não sobreviver em caso de acidente por não saber nadar nas águas ‘*de largura*’, que desembocam no São Francisco; e, posteriormente, diante da declaração em relação àquela criatura sem identificação nominal – o Menino –, referente a qual ele, a criança esmoleira, também era ‘*animoso*’, passa a sentir outra espécie de sentir envergonhado ‘*de outra qualidade*’.

Esta outra qualidade de vergonha explicitada do jagunço-orador, assim como o atravessar de canoa por sobre as águas do rio De Janeiro, perpassará toda a existência do herói-narrador; mas, constata-se sutilmente já naquela primeira ocasião de encontro entre o menino Riobaldo e o Reinaldo Menino, o aflorar de uma dúvida e implícita sexualidade, como aventara Freud, vem a ser instada em questionamento na infância, no âmbito restrito da parca compreensão, a respeito da noção de homossexualidade. Tal sentimento, que impele aquela criança, no momento do elogio ‘*animoso*’ proferido pelo Menino-Diadorim, ao opróbrio e ao pejo relacionados a um desejo infantil não condizente com sua condição masculina. Decerto, já se renunciaria a intrincada paixão homossexual, que se desabrocharia somente nos longínquos e espúrios tempos remidos da homossexualidade e do jaguncismo, quando ambos já foram inseridos, à prova de punhal e fogo, no âmbito movediço das reminiscências sobrepostas em sua narração/‘*matéria-vertente*’. Isto porque, conforme ainda diria Freud, o narrador-fazendeiro do *Grande sertão* irá retomar, pelo viés da infância ou pré-adolescência, em retorno aos desígnios homossexuais já amainados pela relação com Otacília, o episódio de sua primeira impressão de sexualidade calcada no estoicismo do Menino-herói, que descambará para um posterior diálogo, tenso, na canoa<sup>9</sup>. O desfecho deste mencionado diálogo permearia toda a trajetória de Reinaldo/Diadorim, amparada no percurso do monólogo proposto pelo jagunço-orador, de modo a sublinhar uma outra proposição de se desvendar o enigma da sexualidade da personagem travestida

---

<sup>9</sup> Caberia enfatizar que esta citação a seguir permitirá ao leitor do *Grande sertão: veredas* perceber os vestígios do travestimento da personagem Reinaldo, desde quando a narração o situará pela primeira vez como o Menino, de aproximadamente 14 anos, às margens do rio De-Janeiro. E, desta feita, ainda que não desvende o enigma de Diadorim, tal passagem textual possibilita a leitura que, em tenra idade, tal prefiguração masculina, com toda a sua indumentária e apetrechos de homem, já estava fincada na infância dessa Maria Deodorina.

de homem, pelo reticente viés de uma hipótese ou suposição. Esta seria calcada na seguinte indagação: Caso não houvesse a explícita adoração de Maria Deodorina da Fé Bettencourt pelo homem-pai Joca Ramiro, este ser andrógino desmistificado pela morte em duelo com o ser-pactário Hermógenes se transformaria no valente jagunço Reinaldo apaixonado por Riobaldo? Eis a questão a nortear as designações narrativas, no âmbito hipotético, que os ambíguos percursos deste enigmático ser permitem ao leitor: a criação da dúbia personagem, anulando a existência feminina exterior, ultrapassaria a sua condição de jagunço, no tocante ao Amor pseudo-homossexual pelo sertanejo-orador, Riobaldo. Observa-se ainda que Reinaldo vem a ser uma criação inventada por Maria Diadorim, não se sabe exatamente quando nem a razão; mas, certamente, em sua infância, conforme assinala a presença daquele Menino num cais de porto às margens do rio DE Janeiro, aos quatorze anos aproximadamente. O que leva o leitor a crer que a decisão de tornar-se valente jagunço vem a ser anterior a sua própria prefiguração de mulher; ou seja, a inversão da identidade e da sexualidade do filho de Joca Ramiro dá-se no patamar de sua infância, conquanto que seja num plano desconhecido, quando se propõe analisar a razão de tal indumentária e vestimento.

Quando se concebe a imagem da tal donzela- guerreira medieval, a princípio, os autores das novelas de cavalaria ancoram-se no pressuposto de que não haja qualquer hipótese de dubiedade sexual. E assim, a suposta heroína medieval ampara-se num âmbito hermafrodita calcado no âmbito do assexuado que, em nenhum momento, vem a ser condizente com a emblemática figura andrógina. A personagem do *Grande sertão* não dialoga em hipótese alguma com esta condição assexuada da heroína travestida de homem incutida na ficção européia, a não ser quando se refere ao afastamento e negação mediante qualquer relacionamento amoroso com o sexo feminino, como ocorre com outro personagem, em instâncias longínquas, do registro textual “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de *Sagarana*, o destemível chefe de jagunços Joãozinho Bem-Bem: “E as moças... Para mim não quero nenhuma, que mulher não me enfraquece: as mocinhas são para os meus homens.”<sup>10</sup> Por esta leitura, em Diadorim, não a floraria assim como Joãozinho Bem-Bem também morto ‘*na virtude do ferro*’ em duelo com o protagonista do conto, Nhô Augusto Esteves Matraga, qual o filho(a) de Joca Ramiro com Hermógenes, a questão da homossexualidade em Diadorim, de vez que Reinaldo – a inóspita criação concebida por Maria Deodorina –, abstém-se de envolver-se com toda sorte de mulheres, sejam elas donzelas casadoiras, conforme a fazendeira da Santa Catarina, Otacília; ou prostitutas, como no caso da filha de Ana Duzuza, Nhorinhá. Contudo, não fossem todas estas considerações, ainda assim não se poderia enfatizar, mesmo com toda erudição e perspicácia da exegese por parte de um cânon pré-estabelecido fincado nos patamares da decifração ou analogias, que o jagunço Reinaldo proporcionaria a condição de virgem-guerreira imputada ao Menino/Maria Deodorina/Diadorim.

Quanto ao relacionamento amoroso com mulheres advindas dos sertões das Minas Gerais, o insuspeito jagunço Reinaldo/Diadorim, em seu menosprezo pelo sexo feminino, propõe a Riobaldo, em determinado episódio da narração, que a ele não se possibilitasse qualquer ocasião de encontro amistoso com as figuras sertanejas: meretrizes esparsas, mulheres violentadas ou descasadas etc., de modo que estas, ardentes criaturas, em hipótese alguma, se entranhassem em suas trajetórias ritmadas pelo suposto amor homossexual. Isto em decorrência do descobrimento da sexualidade desta Maria Diadorim, observa-se um

---

<sup>10</sup> Rosa, João Guimarães. *Obra Completa. Sagarana*. Rio de Janeiro : Editora Nova Aguilar, 1994.

resquício mais latente de ciúmes, conquanto caiba ressaltar que, nesta precavida proposição de caráter puramente de abstinência sexual até o desfechar da vingança pela morte do pai-ídolo, aflore um sentimento de zelo por sua inconcebível paixão. Sobretudo, se imaginar que tal resolução arraigada no cerne de sua sexualidade fosse posta em compromisso de honradez e sincera amizade, ao menos até que a desforra pelo assassinio de Joca Ramiro se concluísse em vingança. Todavia, Montaigne assevera em seu ensaio intitulado “Da Amizade” que, tão logo o relacionamento humano embarque nos termos deste sentimento fraterno, o Amor se dissiparia ou se enfraqueceria. Caso Riobaldo jurasse e cumprisse não se permitir tais proezas de *‘malandragem’* ou *‘poesias do corpo’*, conforme se refere Riobaldo aos seus deslizes fortuitos de paixão e gozo com outras figuras femininas, ao fim da crucial missão redentora da paz espiritual de Diadorim, que lhe fora imposta como empecilho em razão de seu ódio onipresente contra os *judas* dos Hermógens e Ricardão, a revelação de sexualidade poderia ser antecipada ou desvendada por Reinaldo? Possivelmente não, em razão desta antecipação só se tornar possível pelos anúncios da Morte e da Mulher, de cuja anunciação se desfizera o segredo de identidade daquele Menino de outrora, que desabrochava em Reinaldo e se desmistificava em Maria Diadorim. Ao desfecho, que jamais fora imaginado por todas as suas artimanhas e sutilezas femininas possivelmente desvendaria o imaculado mistério de seu segredo que imbricaria pelo viés destas duas paixões mencionadas por Montaigne, o Amor e Amizade. Os sentimentos, ao se interpenetrarem no âmago de toda a narração monológica, *‘jamais com comparação’*, desaguardariam na confissão de sua identidade sexual, encoberta pela tesoura de prata, pelo colete de couro e, quiçá muito principalmente, pela ardente e impulsiva obsessão de idolatria, cujos arroubos desencadeiam a odiosa vingança pela morte paterna.

Se no estudo intitulado *O amor na obra de Guimarães Rosa*, consoante já fora explicitado no decorrer da pesquisa, o filósofo Benedito Nunes acenaria que o jagunçorador Riobaldo-Tatarana reconheceria três espécies diversas de paixões em sua intrincada trajetória sertaneja, inseridas no decorrer de seu sombrio e tortuoso percurso em companhia de Deus e o Demônio. Fato este que confere ao chefe Urutu-Branco – proposição de alcunha proferida por Zé Bebelo –, Amor e Poder. Posteriormente, pela ótica de Michel Foucault, no capítulo “Nietzsche, a Genealogia e a História”, em sua *Microfísica do poder*, constatar-se-á que o pensador francês evocaria alguns elementos tais como os sentimentos, a consciência e os instintos, incutidos na trajetória-travessia humana e que, conseqüentemente, passam a incidir na peculiar transposição alicerçada na inverossimilhança da saga ficcional das criaturas concebidas sob a égide da inspiração literária. O filósofo Michel Foucault alertaria para a questão do equívoco de se descrever toda história da moral pelo viés da preocupação apenas com o prático e o útil do percurso-existência do ser humano. E, a partir desta assertiva, o filósofo enfocaria que, se desta forma se pautam a hermenêutica dos acontecimentos e a exegese dos episódios narrados, ou mesmo ocorridos, a falsa impressão que se lhe dá vem a ser que as palavras tivessem guardado seu sentido, de modo que os desejos demarcassem a sua direção e as idéias designassem a sua lógica. Isto se o universo da oralidade não abrangesse toda uma gama de disfarces, astúcias, lutas, invasões e rapinas no âmbito de sua significação. Em *Assim falava Zaratustra*, Nietzsche trata da questão, no capítulo denominado “Dos poetas”, num diálogo um de seus discípulos o mestre temporiza que a respeito da fertilidade da imaginação e do *‘muito mentir’* dos vates e bardos, em razão de sua escassa sabedoria, se bem que todos os deuses celestes seriam símbolos e obras de sua pena e imperfeição. Em sua *Microfísica do poder*, Michel Foucault salientaria que buscar uma origem vem a ser

tentar reencontrar os elementos que giram em torno de uma imagem exatamente adequada a si, de tal modo que, não obstante, infere-se por acidental todas as peripécias, astúcias e disfarces que puderam ter acontecido, ao se retirarem as máscaras para desvelar enfim uma identidade histórica. Entre outras palavras, continuaria o filósofo argumentando que, para se fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo e do conhecimento, seria dispensável partir em busca de sua *'origem'*, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história. Foucault complementaria o seu raciocínio ponderando que necessário se impõe conceder atenções às meticulosidades, aos acasos dos começos e à derrisória maldade, de modo que, retiradas as máscaras, ao vê-los surgir com o rosto do outro, não tendo pudor de buscar onde estão ; e, ao escavar os *bas-fond*, deixar-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade se manteve jamais sob sua guarda. De fato, ao deparar-se com a singular figura *'séria'*, *'quieta'* e, sobretudo, decididamente onipotente de Reinaldo/Diadorim, as reminiscências deste jagunço-narrador irrompem-se, ou desvendam-se, por uma resignação diante do contundente envolvimento ou atração homossexual, que de forma atroz o devora e consome, impulsionando-o ao desespero agonizante oriundo de sua paixão proibida. O narrador Riobaldo dissolve-se numa bifurcação de sentimentos contraditórios imanentes na condição humana e, ao mesmo tempo, descontextualizada de seu árduo e respeitável percurso de jagunço-atirador. A configuração da masculinidade a personagem, por conseguinte, tende a abominar a todo custo desesperadamente a onipresente imagem encoberta de homem odioso e vingativo, acuado por uma carnal imposição de cunho homossexual de origem obscura, sumarizadas acidentalmente por intermédio de astúcias, peripécias e disfarces do amante-companheiro andrógino.

O jagunço-orador promoveria a apropriação da estória narrada sem receio da exposição a seu hóspede-leitor, em primeiro plano, em razão de sua consciência tranqüila por estar se recordando de um episódio que, se por um lado, abrevia a controvertida paixão homossexual por Maria Deodorina, por outro o impele ao patamar de homem alforriado das inadequadas apropriações sentimentais nutridas por Reinaldo, que atormentavam o seu espírito já por demais alvoroçado pelo compromisso referente ao emblemático pacto diabólico com o maligno almático e indivisível ser-signo das Veredas Tortas: “[...] Quem é que era o Demo, o Sempre-Sério, o Pai-da-Mentira? Ele não tinha carnes de comida da terra, não possuía sangue derramável. Viesse, viesse, vinha para me obedecer. Trato?” (ROSA, 1994, p. 267) Em *Mímesis*, Erich Auerbach, no capítulo intitulado “A cicatriz de Ulisses”, retoma o episódio de regresso do herói da homérica epopéia grega à morada de Euricléia e o subsequente reencontro com Penélope, ressaltando que a narrativa, num discurso direto, pormenorizado e fluente. Por estas veredas, o tecer do enredo vem a ser modelada com exatidão e relatada com vagar, ao passo que, não obstante tratar-se de sentimentos mesclados a considerações acerca do destino dos homens, destacam-se os âmbitos de tempo e espaço abundantes para a descrição bem ordenada. Assim, complementa Auerbach, uniformemente dos utensílios, das manipulações e dos gestos, demonstrando-se todas as articulações sintáticas. Quanto ao estilo e proposição homérica, Erich Auerbach contrapõe-se às estimativas em torno da *Odisséia*, ao afirmar que na epopéia haveria um desfile ininterrupto, ritmicamente movimentado dos fenômenos, sem que se demonstre, em parte alguma, uma forma fragmentária ou um vislumbre de profundezas inexploradas. Acrescentaria Auerbach que este desfile dos fenômenos ocorre no primeiro plano da narração épica; isto é, sempre em pleno presente espacial e temporal, de tal modo que se poderia acreditar que as inúmeras interpolações antitéticas e o frequente

avançar e retroceder da confluência da ficção absorveriam uma espécie de impressão perspectiva, no tocante ao tempo e ao espaço da narração.

A mesma sensação avulta ao leitor, quando este se depara com o processo de criação de Guimarães Rosa utilizado no *Grande sertão: veredas*, decerto proveniente dos registros gregos aliados aos ensejos de ruptura da linearidade propostos pelos ensaios surrealistas originários dos fluxos de consciência propiciados pela psicanálise. Após o episódio da travessia das águas de sua infância também ocorre a reaproximação entre Riobaldo e o Menino; ou seja, o Reinaldo, no ínterim do interrogatório dos curiosos jagunços encobertos, disfarçados, de tropeiros, diante da figura daquele moço desertor das ordens de Zé Bebelo, sob os auspícios efêmeros de pouso e jantar de um tal Malinácio. Ocorre que em tal reencontro entre ambos a caracterização do narrar pormenorizadamente delineado, conciso e fluente, ressaltada por Auerbach na *Odisséia*, de Homero, não resvalaria no enredado discurso deste jagunço-narrador impregnado pela emoção – fato este que explícita e concomitantemente o distancia da mencionada modelação exata calcada no discurso direto. Na *Arte Poética*, capítulo IV, intitulado “A origem da poesia e seus diferentes gêneros”, Aristóteles discutirá a concepção deste gênero mencionado no título do estudo, ao propor uma reflexão a respeito do caráter moral do discurso, alertando para o fato de que os espíritos mais propensos à gravidade reproduziram as belas ações humanas e seus realizadores, enquanto que os de menor valor voltaram-se para as pessoas ordinárias, a fim de as censurar, da mesma forma que os primeiros compunham hinos em louvor de seus heróis. Em sua *Retórica das Paixões*, de outra feita, explicitaria que a cólera significa o desejo, acompanhado de tristeza, de vingar-se ostensivamente de um manifesto desprezo por algo que diz respeito a determinado ser ou a algum ente próximo; porém, geralmente, se mistura ao ódio daquele indivíduo raivoso um sentimento de prazer e satisfação. As pessoas passariam o tempo vingando-se em pensamento, haja vista que a coerência, por conseguinte, em se associar à obsessão do moço dos verdes olhos pela vingança, a qualquer preço, pela morte do atraído pai-ídolo, Joca Ramiro, se alia ao subsequente hibridismo de cólera e êxtase, que o jagunço transpira ao atirar-se desbragadamente embate derradeiro no Tamanduá-tão contra os *judas* hermógenes, às expensas e prejuízo de sua ambígua e emblemática paixão-existência. No tocante ao real afastamento de Riobaldo-narrador em relação ao Reinaldo/Diadorim, incorreria apenas no bojo de suas reminiscências que pendem para Nhorinhá, Otacília e, por vezes, Miosótis, Rosa’uarda e outras secundárias aparições efêmeras, no espaço da narração-memória, de vez que o seu amante-companheiro insere-se a todo instante de corpo e alma diante do chefe-mor pactário, o endemoninhado Urutu-Branco.

Destarte, não haveria razão palpável para que o jagunço-orador assinasse com sangue desta Maria Deodorina o tal pacto com o ‘*Que-Diga*’ das Veredas Mortas, a não ser pela presença desse acachapante Amor proibido, que o impulsionará a patamares longínquos de seu caráter e espírito, tais como a aceitação homossexual e a asserção demoníaca adversa à sua religiosidade. A fim de que se amenizasse a aflição agônica de Riobaldo, que lhe fora imposta por um sentimento alicerçado nos traçoeiros e movediços territórios mitológicos, por intermédio do ardil e do mistério, que permeia a invenção de sexualidade concebida por uma mulher, Maria Diadorim que, possivelmente, por vontade própria, não escorregaria o espírito astucioso nas armadilhas da paixão. Ainda neste registro textual, Aristóteles asseveraria que as paixões mais tarde serão chamadas de formas de consciência de si; e perante aqueles seres amados, que compartilhem os desejos dos

seus respectivos amantes, não se envergonharão dos atos contrários à opinião comum. No capítulo nomeado “Da vergonha e da impudência”, o filósofo grego explicitaria que este sentimento primeiro causaria certa tristeza ou perturbação com respeito aos vícios presentes, passados ou futuros, que impulsionam à desonra, como ter relações sexuais com quem não convém ou em lugar ou momentos inconvenientes, ações esta que brotam da intemperança. Conquanto ainda persistam na biografia de Reinaldo os resquícios daquela amizade sentida e exacerbada pelo moço-tio Leopoldo, irmão caçula de Joca Ramiro, seu tio, portanto, constatar-se-ia por um outro ângulo que, ao se deparar com o Amor, Diadorim a coice de destino também se surpreenderia com aquele insurgente e condenada paixão por seu insólito companheiro de travessia e jaguncismo. E isto ocorre porque aquela concepção de personagem inventada por si, em hipótese alguma, se posicionaria na dócil trincheira das moçoilas casadoiras daquele espaço da narração. O desespero e a angústia sentidos por Reinaldo, ainda que amparados por seus silêncios e reticências, pode ser que alcançasse os mesmos questionamentos e sobressaltos no âmbito do sentimento amoroso. Porquanto a aceitação daquela incógnita paixão, que era de fato a destruição de toda uma arquitetura existencial rascunhada com traços de valentia e coragem por sobre um corpo de mulher, no aguardo de tiroteios, batalhas, traições e vingança.

Há de se mencionar que, no mesmo instante que a revelação da identidade sexual de Reinaldo/Diadorim impulsiona os esponsais intuitos de Riobaldo por Otacília, protegida por uma espécie de auréola sócio-cultural, na Santa Catarina, este ser dilacerado vem a ser trespassado pelo amor-destino, que o obriga a *facear com as surpresas* e, enfim, ratificaria a sua masculinidade. Por intermédio deste raciocínio, ainda assim a assombrosa imagem de sua homossexualidade não deixa de persegui-lo como uma etérea e perpétua recordação de outrora, referente ao relacionamento homossexual do passado, repudiado pela lembrança de suas ações libidinosas ou paixões juvenis, adúlteras, prostituídas. E por que não mencionar também o amor imposto por força da violência física, como no caso dos dois estupros confessados ao leitor-ouvinte? Caberia ainda sublinhar que, ainda quando haja toda uma gama de assombrações carnis, que se apoderam do atormentado espírito desse jagunço apaixonado por Reinaldo, não há a concretização do homossexualismo no *Grande sertão: veredas*. Isto é explícito porque, a princípio, não há hipótese desta espécie de relacionamento entre dois seres de sexualidades opostas e divergentes no âmbito das deflagradas paixões. Mesmo que calcado no âmbito de uma nítida proposição de homossexualidade, amalgamado de intensa poesia, incontáveis são os elementos que ultrapassam o âmbito da imperativa atração por um outro homem, por cujos desígnios descobrem-se mulher, impossibilitando a concretização do sentimento homo-afetivo. O que se pode afirmar vem a ser que, de fato, persistiria em Riobaldo uma contundente atração homossexual pelo companheiro Reinaldo – personagem concebida, supõe-se, antes da puberdade, quiçá na infância, por Maria Deodorina, filha de Joca Ramiro. Nesse ínterim, a taciturna proprietária, que ficaria sem identificação nominal no percurso da narração, em razão do receio confessado pelo fazendeiro-orador de querer possuir o seu corpo e a perdurada sutil beleza de finos traços, se posicionaria como a mensageira da sexualidade daquele Menino da travessia do rio de-Janeiro.

A Mulher, o Menino e a Morte equiparam-se no âmbito do segredo e da revelação daquele dócil e arredio jagunço dos olhos verdes Reinaldo em Maria Deodorina, impelindo, à força de sua sobriedade, à desmistificação homossexual, que assombrava Riobaldo, possuído pelos feitiços da ilícita paixão proibida. De outra feita, ainda quando a

figura emblemática de Reinaldo passara a acenar com um possível desvendar do segredo de sua enigmática sexualidade encoberta pela tesoura de prata. Outra possibilidade gira em torno da inóspita seriedade e macha brabeza de Reinaldo e por um corte de fazenda ou colete de pano, que vem a dificultar o sentimento amoroso de Riobaldo por um outro homem, mas que não ofuscaria a paixão do sertanejo inculto e sexualmente voraz no decurso de suas investidas pelo inóspito sertão das Gerais. Em sua *Retórica das paixões*, Aristóteles alertaria para a questão referente ao Amor, que englobaria todos aqueles esparsos sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos seguidos de tristeza, prazer, cólera, piedade, temor. Entretanto, aquele que ama tem por certo que a pessoa sob julgamento ou não pratica ato injusto ou comete delitos de pouca importância. Por um outro lado, quanto às leis do coração, Hegel, na *Fenomenologia do espírito*, assevera que o movimento precedente ante a uma nova figura se manifesta como algo *encontrado*, se bem que o ser amado não possua consciência de sua origem, restando saber se a efetivação de tal paixão corresponderia à experiência como sendo sua essência. No tocante às asseverações dos filósofos, que desaguariam no nebuloso relacionamento amoroso de Reinaldo e Riobaldo, poder-se-ia mencionar que tanto Aristóteles quanto Hegel municiariam os pressupostos fundamentais, que demarcam a tese que sustenta a suspeita desse tal Amor inventado, que resultaria em Maria Diadorim.

Em referência aos aspectos híbridos e abstratos aparentemente dicotômicos, que irão avultar-se no decorrer do convívio entre os jagunços apaixonados, tais como a cólera, a tristeza, o prazer, o temor etc; e nem muito menos ao que se refere ao *'algo encontrado'* de procedência ou origem ignorada, tais imbricações irromperiam na proposição anunciada vem a ser que a invenção de tal sentimento, oriunda da imaginação deste narrador em conspícua e egrégia confissão. A respeito do desejo carnal nutrido por Reinaldo, acirra-se, ao mesmo tempo, a impossibilidade de se desvencilhar daquela inadequação física, que obstruiria em sua consciência o desejo homossexual, que o aniquila psicologicamente, ao passo que o impulsiona ao inefável e obscuro labirinto da paixão. Diadorim e Otacília duelam assombreadas pela dulcíssima lembrança afogueada da meretriz Nhorinhá, de modo que para realização de seu intrínseco afã de dissociar-se dos incômodos vestígios homossexuais, Riobaldo Urutu-Branco vem a ser impelido a construir uma ponte ilusória entre estas tais instâncias díspares e antitéticas: a moça-fazendeira casadoira e a mulher *'achada por todos'* em prostituição. Ainda quando esta atração sexual não seja justificada pela delicadeza dos traços finos e afeminados do companheiro, feroz jagunço por sinal como já fora registrado, ao leitor a fica impressão de que à enigmática sexualidade de Maria Diadorim sobrepõe-se a paixão de um homem por um seu semelhante. Ao desejo carnal – elemento propulsor do sentimento amoroso –, se acoplam os tais desvãos norteadores da convivência humana, assinalados por Aristóteles, emanadas por uma sensação de prazer e desespero, angústia e gozo, horror e satisfação etc, arremessando Riobaldo a um insuspeitável patamar de fértil imaginação utópica. Consoante constatações de Jean-Paul Satre, cada amante se caracteriza por absolutamente prisioneiro do outro, na medida em que se pretende se fazer amar, excluindo terceiros; no entanto, ambos ao mesmo tempo cobram reciprocamente um amor que não se reduza de modo algum ao *'projeto-de-ser-amado'*. A tal proposição libertário-amorosa sartreana esbarra em Riobaldo, quando este aniquila o seu projeto – que aliás não vem a ser esboçado em hipótese alguma em sua estúrdia oração –, em prol de seguir com o bando de jagunços capitaneado por Medeiros Vaz, Zé Bebelo, e posteriormente por si próprio. O herói-pactário Riobaldo Urutu-Branco,

aprisionado pela exigência de proibida paixão por Reinaldo, em busca dos *judas* guiados por Hermógenes e Ricardão, na intenção de vingança pelo assassinio de Joca Ramiro, alienaria a sua liberdade a ponto de até mesmo tornar-se, qual o inimigo assassino, também um jagunço com parte com o ‘*Cujo*’, no já mencionado episódio das Veredas Mortas. O jagunço Riobaldo, no ideal da aventura de seu Amor homossexual, assina a sentença de seu aprisionamento, numa espécie de conflituoso cárcere do ‘*querer ser amado*’, apontado por Sartre, ao assenhorear-se de um sentimento ambíguo nutrido por Diadorim, que o impele inconscientemente ao trato satânico-amoroso, o que também se discutirá na última parte desta pesquisa, sob o título de Reinaldo – a inversão do Outro.

### Parte III : Reinaldo – a inversão do Outro

A grande diferença da concepção da personagem Reinaldo/Diadorim, de Guimarães Rosa, e do fantasmagórico fidalgo Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, para as outras antológicas criações da literatura universal, entre as quais o doutor-pactário Fausto, de Goethe; o emblemático Hamlet, de William Shakespeare; o sábio-homicida Raskólnikov, de Fiódor Dostoievski; e, por fim, o memorialista Brás Cubas, de Machado de Assis, vem a ser que tanto o andrógino jagunço rosiano filho-sobrinho de Joca Ramiro, quanto o Cavaleiro da Triste Figura, assim alcunhado por seu fiel escudeiro Sancho Pança, se libertaram dos grilhões estéticos da desestabilização artístico-literária; ou melhor, desacorrentaram-se da onisciente pena do prosador espanhol do século XVII, Miguel de Cervantes; e também do mítico-regionalista dos Gerais mineiros do século XX, João Rosa, consoante ao autor se referia Manuelzão<sup>11</sup>, para fazerem-se concepções de si mesmos, pelo viés e inspiração da fértil e prodigiosa imaginação. E isto se pode averiguar quando estas emblemáticos seres se tornam ou transformam-se em criações fictícias de suas próprias e singulares trajetórias de criaturas refletidas no espelho de suas recriações humanas. As concepções literárias – Menino/Reinaldo/Diadorim/Maria Deodorina da Fé Bettencourt Marins – seriam provenientes da criação das personagens em diálogo com a tradição ocidental, às margens das ignotas circunstâncias, se disfarça enigmaticamente do jagunço belo-feroz d’Os Porcos; e o segundo, o herói pós-medieval-moderno, em razão de sua fértil e pródiga imaginação, amparado pelos arroubos da loucura, transformaria-se em Cavaleiro Andante ou Donzela Guerreira, envolto em alucinadas e desastrosas aventuras pelo sertão gerais. Mas, em Cervantes, a questão crucial fora que tal libertação embrionária no âmbito da auto-criação literária ocidental ocorrera pelo viés do ato da Leitura, cujas incursões impulsionariam o intelectual andarilho da província de La Mancha, entusiasta dos registros de cavalaria trovadoresco-medievais, a resgatar inspiração das páginas ficcionais o ofício do Rei Arthur e a sua Távola Redonda. Atitude esta

---

<sup>11</sup> A personagem Manuelzão sofreria um processo de auto-criação inverso ao de Reinaldo/Diadorim, ao sofrer uma espécie de seqüestro da ficção que lhe toma a possibilidade de perpetuar-se ser humano, quando no livro « Uma estória de Amor », um das novelas de *Corpo de Baile*: « Por mesmos, ele Manuelzão não tinha se casado. Macaco não tem dois gostos: assoviar e pular de galho... Pegara o agrado de mulheres acontecidas, para o consumo do corpo : esta-aqui, você ali, maria-hoje-em-dia – eram gado sem marca, como as gariobas, feito o cerrado. Isto é, às vezes tinha gostado. Tinha até chorado, lágrimas, dessas que violão toca. » (ROSA, 1994, p.569)

caracterizadora de afamado e inconseqüente desvario deste senhor esguio de aproximadamente cinquenta anos de idade, que culminaria no aclamado episódio do enfrentamento dos moinhos de vento confundidos com gigantes inimigos.

No *Grande sertão*, pela ótica de Riobaldo, há duas figuras referentes ao emblemático personagem Diadorim à luz da imagem de Nossa Senhora da Abadia e à sombra da efabulação do Demônio. A primeira, recriada por seu mistério e necessidade de mulher que, possivelmente, impeliria esta Maria Deodorina a proteger-se dos obstáculos sexuais oriundos daquele meio social inóspito e adverso do jaguncismo, que origina o valente-feroz Reinaldo. Possivelmente. E a segunda representação deste Reinaldo seria idealizada por Riobaldo-Tatarana, no decorrer de suas andanças e travessias desde aquele longínquo encontro com o Menino, às margens do de-Janeiro aos quatorze anos de idade. Mediante esta imbricação intelectual, que culminaria na recriação de Reinaldo/Diadorim, duas ocasiões narrativas se avultariam sob forma de superstições, ‘*sonhices*’ e credices interioranas sobrevividas à tona pelas reminiscências do jagunço-narrador Riobaldo-Tatarana. Em primeiro plano, ressurgiria o simbólico episódio do arco-íris e suas sete cores rabiscadas sob a égide da paixão-quimera, a fim de que o seu Amor pudesse ultrapassar transgredindo a sua origem máscula de valente guerreiro: “[...] *Antes palavras que picaram em mim uma gastura cansada ; mas a voz dele era o tantto-tanto para o embalo do meu corpo. Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris. Ah, pudesse mesmo gostar dele – os gostares...*” (ROSA, 1994, p.37-8)<sup>12</sup> Em segunda instância, o parentesco oriundo da consangüinidade de Reinaldo, cujo advento da indagação a respeito de um ente feminino, que proporcionasse a continuação legitimada, aos olhos do amante, diante do redemoinho de aflições mediante o afã de paixão que Riobaldo “(...) *concebia por ele a vexável afeição que me estragava, feito um mau amor oculto – por mesmo isso, nimpes nada, era que eu não podia aceitar aquela transformação*”. E no âmago dos dois episódios narrados, insurge-se recorrentemente a paixão proibida em comunhão com os elementos poéticos e o questionamento referente ao sentimento de asco e fascínio, inseridos no discurso narrativo: “[...] *Diadorim ; que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para minha mão.*” (ROSA, 1994, p.311)

Quanto à importância do hábito de se ler de modo apressado especificamente o que, em diversas ocasiões, interfere na formação intelectual deste próspero e ordeiro país da segunda metade do século XX, exaltando-se com naturalidade e aclamação uma equivocada menção a respeito de Diadorim na obra literária de 56, cuja insigne importância a avultara à condição de obra-prima. Mas o fato é que no bojo desta tal constatação ainda se infiltraria a réstia de um outro questionamento: a tradição crítico-literária, num confessionário público, habituara-se à reprodução simplista e redundante referente ao fato de que Reinaldo representaria um nítido diálogo com os registros medievais de cavalaria, possibilitando a

---

<sup>12</sup> No Dicionário de Símbolos, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, a imagem do arco-íris representa o caminho e a mediação entre a terra e o céu, por significar a ponte de que se servem, em suas travessias, os heróis e os deuses, entre o Outro-Mundo e o espaço terreno habitado pelo homem. E, na Grécia, as suas sete cores simbolizavam, por ser a Íris, a mensageira mais rápida dos deuses mitológicos, as relações entre o céu e a terra, pelo viés de um linguagem divina. (CHEVALIER / GHEERBRANT, 1982, p.77)

elucidação referente ao mistério deste Menino/ Maria Deodorina. O psicanalista Jung, segundo consta no *Dicionário de Termos Literários*, distinguiria ainda como principais arquétipos a sombra, o velho sábio e o herói-criança, a mãe ("Mãe Primordial"/"Mãe Terra"), a virgem, a *anima* (o feminino do homem) e o *animus* (o masculino da mulher). Estes e outros arquétipos – imagens primordiais como o paraíso perdido, os irmãos inimigos, o círculo, a rosa, a serpente, a *femme fatale*, o herói e o anti-herói, o mágico e o alquimista – permaneceriam sempre intactos e inalteráveis qualquer que fosse o tratamento narrativo ou mesmo poético que sofressem. No bojo de tais bifurcações, as reminiscências do jagunço-orador provenientes das *sertanejas* Minas Gerais, que quase sempre se registrariam acompanhadas de interrogações ou reticências referentes ao ser-dúbio Diadorim, demarcariam as fronteiras percorridas por este intelectual, Rosa, no limiar da concepção da palavra-arte de sua escrita. Por conseguinte, o jagunço-orador Riobaldo não sucumbiria ao destino ou realidade do próprio *Fausto* de Goethe, ou mesmo do compositor Adrian da obra literária *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, posto que haja todo um processo dialógico, não só com a literatura pré-romântica ou do século XX na Alemanha; mas sim com todo o percurso da ficção europeia em assonância com o percurso da prosa ficcional, explicitamente anunciado pela narração de *Grande sertão: veredas*.

Se por este raciocínio, no *Fausto* de Goethe, assombra-lhe a figura do Demo que impulsionaria a personagem à possibilidade de um suicídio, por intermédio de múltiplas agonias e tormentas conjugadas na derradeira frase do espírito do Mal: “*És meu.*”, nota-se que Em *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, a morte imposta pelo Demo não se apropria do protagonista-amante, mas de um outro ‘*Menino*’, personagem secundário, o bem quisto filho de sua única irmã, concedendo ao também pactário compositor Adrian Leverkühn um alento luciférico ao artista: a inspiração da triunfal composição, com todas as suas retribuições, desígnios e responsabilidades espirituais, que corroboraria com a assertiva apresentada a respeito das conseqüências do fáustico pacto luciférico. Nessa narração de um Riobaldo-fazendeiro, calcada nos mitos do pacto com o Demônio/Amor e da Androginia, conforme sinalizara Benedito Nunes, o desenlace fatal desaguardaria na morte do jagunço de corpo-fechado Reinaldo/Diadorim, propositado por uma outra figura comprometida com o comércio da alma com o cujo-demônio – o Hermógenes. Ocorre que assim como no romance alemão *Doutor Fausto*, que de fato vem a ser o título da obra musical de Adrian Leverkühn inspirada pela mesma pragmática criatura do além, cuja implícita aparição, que também se afigura no registro teatral de Goethe pelo viés da evocação de doutor-protagonista, no tocante ao percurso pós-pacto das recompensas e conseqüências, ao jagunço-orador Riobaldo, após a morte do jagunço Reinaldo, só resta um desígnio heróico: a narração do seu *Grande sertão: veredas* – ‘*o diabo na rua no meio do redemunho*’ ao seu hóspede-leitor.

Pelas vertentes e digressões propostas no decorrer do *Grande sertão*, tal qual as tríplicas paixões nutridas por Otacília/Diadorim/Nhorinhá, ressalta-se que, consoante Benedito Nunes, se entrelaçam, também as tais orações a Deus e ao hóspede-senhor entranham-se em uníssono discurso, que artesanalmente se tece na concepção estético-arcaizante de Guimarães Rosa. E na ludicidade dessa tessitura assombreada pelas recordações de seus dois pactos – o de homossexual Amor proibido e o do satânico imperceptível ser transformador –, para o Riobaldo não haveria de fato razão palpável para que se assinasse com a alma o trato demoníaco das Veredas Mortas. A não ser pelo sentimento de paixão ressentido por Reinaldo que, voluntária e silenciosamente, o impeliaria a patamares psíquicos, à primeira vista tão longínquos de seu ser-espírito arraigado de

alusões a Nossa Senhora da Abadia, quanto a asserção diabólica no âmbito adverso à sua sexualidade e religiosidade. Por isto, a imagem de Otacília vem a reportar o jagunço-narrador à Virgem Mãe Santíssima, com uma nitidez sem neblinas, enquanto que em relação a Diadorim a narração se engendraria o hibridismo do sacrossanto e o luciférico. Em “Duas anotações”, artigo publicado em agosto de 1956, ano da publicação do *Grande sertão*, Afrânio Coutinho constata que, ao adotar o ponto de vista interno absoluto para narrar a obra literária, Guimarães Rosa utiliza o recurso de dar voz ao personagem que fala e conta, reduzindo-se o autor ao patamar de simples registrador do que por sobre a confissão Riobaldo inculcava a sua estúrdia lamentação ou reflexão referente ao trajeto-aventura sem a companhia de Diadorim. E chama atenção também o crítico literário para o fato de que, na maioria dos casos de relatos em primeira pessoa, o que não se observaria no tocante ao tecer monológico da obra literária, de vez que Rosa não transmitiria para a sua criatura sertaneja a sua própria personalidade. Por este percurso não elaboraria a narração pela sua voz autoral, desvencilhando inclusive a sua linguagem de Riobaldo, e assim ocorreria nos diálogos tanto com Reinaldo, assim como aconteceria com as outras concepções literárias ilustradas em sua narração.

As elucubrações críticas salientariam ainda o crítico literário Afrânio Coutinho que, em sua profusa odisséia contemporânea, Guimarães Rosa não dialogaria com alguns equívocos narrativos, que os prosadores do final do século XIX e do primeiro quartel do XX se emaranhavam por um discurso erudito, quando da vez da sapiência elucidativa do narrador. No instante em que autor inseriria o discurso coloquial, na ocasião de dar voz aos seus personagens, este ‘*academicista*’ recurso narrativo em proposição ocorreria, sobretudo, na época se pronunciava, quanto aos escritores cujas produções literárias datavam-se anteriores ao Modernismo, com raríssimas exceções – entre as quais Lima Barreto, Monteiro Lobato, Euclides da Cunha, conquanto este último não seja especificamente um ficcionista. A força narrativa de sua pena n’*Os sertões*, assim como o tratado histórico/antropológico *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre, dispensara imensa contribuição estilística e formal para as páginas do romance nacional no século XX. Retomando os tais acenos simbólicos não totalmente reveladores da sexualidade de Diadorim, posto que não significassem a interferência na sua imaculada imagem de valente guerreiro propulsora de respeito, ódio e coragem, como já fora mencionado anteriormente. O que de fato Coutinho se refere vem a ser que a partir do momento em que a narração é interrompida, a fim de que os diálogos, a exemplo entre Reinaldo e Riobaldo, fluíssem por sobre o desenredo do discurso não aconteceria no *Grande sertão: veredas* a contumaz, traiçoeira e discrepante dicotomia entre erudição autoral e a proposital irresponsabilidade perante os códigos lingüísticos gravemente acentuados na fala das concepções das personagens. Nesse episódio, além de ilustrar a identidade do estilo ressaltada por Afrânio Coutinho, em consonância com o discurso narrativo e a inserção das falas das personagens, há também dois outros fatores que culminariam numa espécie de profecia proferida por Reinaldo, referente ao mimo refletido na pedra de safira trazida de Araçuaí por Riobaldo e pouco antes oferecida a Diadorim. A união matrimonial do jagunço-narrador com a donzela-fazendeira da Santa Catarina dos Buritis-Altos se avultaria à condição de antagonismo, quando extrapola os patamares das reminiscências para apresentar-se no âmbito da concretização de união conciliatória, desatrelada das dúvidas de sexualidade.

Ao ter notícia de qual seria a lembrança oferecida, Reinaldo rejeita-a, ao protelar o momento da aceitação da prenda proveniente de Araçuaí, Norte dos Gerais, fronteira à

Bahia, interligando ao instante de posterior celebração, inequivocamente ocasionado com a vingança do assassinio de seu pai-ídolo; e, decerto, com a revelação de sua sexualidade: “– *Deste coração te agradeço, Riobaldo, mas não acho de aceitar um presente assim, agora. Aí guarda outra vez, por um tempo. Até quando se tenha terminado de cumprir a vingança de Joca Ramiro. Nesse dia, então, eu recebo...*” (*Idem, ibidem*) Quanto a este mesmo Reinaldo/Diadorim, ao contrário do inicial e recorrentemente se propaga na narração, no tocante ao desejo homossexual proporcionado por sua imagem e ser associados em relação com o Demo, há ocasião em que, de forma dicotômica, uma ação sua passa a representar quase que de maneira inconsciente para Riobaldo a lembrança da Nossa Senhora da Abadia. Nesse hibridismo permeado de idiosincrasias e ínfimos sincretismos antitéticos, o hóspede-ouvinte não se abstém de se interessar por um desenlace ainda mais latente do que o referente ao ato de vingança contra os *judas* Hermógenes que, com a vinda de Zé Bebelo, impulsionaria o ritmo da narração. No entanto, o que realmente consegue capturar as expectativas de leitura de maneira mais enfática vem a ser a revelação do segredo ou Enigma de Diadorim, que não esbarraria, a princípio, no desvendar de sua emblemática sexualidade associada ao maligno ser-símbolo. Sigmund Freud, em suas *Contribuições à Psicologia do Amor*, atestaria que, ao deixar os ficcionistas descreverem as condições necessárias ao sentimento, estes determinariam a opção por um objeto obtido pelos seres humanos, de modo que indicariam a maneira pela qual conduziriam as exigências de sua imaginação em consonância com a realidade. No “Édipo e a paixão”, publicado na coletânea *Os sentidos da paixão*, o psicanalista Hélio Pellegrino diagnosticaria que a vida, em seu fundamento mais sublime, é sonho, ao passo que os homens nascem, aos poucos, do sonho imaginário para o sonho simbólico, que, em sua ordem, inclui o imaginário, o real e seus respectivos trâmites através da linguagem.

Nesta ambiência conflituosa, a longínqua lembrança proporcionada pela ‘*prostitutriz*’ Nhorinhá, juntamente com a donzela casadoira da Santa Catarina, seria utilizada como um reforço ou bálsamo de negação ao sentimento de perversão, que inclusive obriga a personagem a retroceder, pelo subterfúgio das reminiscências, no tempo e espaço narrativos. Retificar-se-ia, no entanto, a tese de que no romance rosiano estas tais intercalações narrativas ultrapassariam as fronteiras de sua paixão proibida, apenas por intermédio de sua imaginação prodigiosa que, contraditoriamente, alavancaria o Riobaldo-fazendeiro à condição de amante deste Reinaldo, em flagrante desvio das regras do jaguncismo. Por intemédio de sua abalada masculinidade, da qual o jagunço-narrador poderia ser arrebatado pelo caudaloso afã sexual por outro homem d’armas, tal qual o seu ser diferenciado pelo estranho temperamento e pela precária educação. Isto porque quanto mais este Riobaldo se abstrai da incômoda posição de valente desejoso e incrédulo daquela vida promíscua e rotineira, no meio de inúmeros homens broncos e sem rumo, réu dos limites da consciência e do corpo, afrontando a sua paixão homossexual através da confirmação da existência e do trato sponsal com Otacília. Ao sentimento de legitimidade máscula que o autoriza a prosseguir honrado chefe de jagunço – o compromisso de noivado com Otacília –, se insere a adjetivação ‘*legal*’ e ‘*intrujã*’. O que corroboraria com a tese de que o providencial e efêmero restabelecimento de sua dúvida de sexualidade, desembainhada da esdrúxula mácula em sua trajetória guerreira, dissolve-se perante a ‘*impossível*’ paixão homossexual que pode até vir a ser compassada no contexto da (i)legalidade, mas que abarcaria múltiplos significados na absorvência daquele desejo de Amor, pertencente a somente ambos, Riobaldo/Reinaldo. Ainda de acordo com Freud, no

amor normal, o valor da mulher é aferido por sua integridade sexual, e é reduzido em vista de qualquer aproximação com a característica de se assemelhar à prostituta, de tal modo que os homens que considerarem estas cortesãs como objetos amorosos do mas alto valor constituiriam acentuado desvio da normalidade. No capítulo “A sabedoria do casamento”, em sua *História da sexualidade*, Michel Foucault faz referência à interessante alusão atribuída ao grego Demóstenes, no final do libelo intitulado *Contra Nera*: “*As cortesãs, nós a temos para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todo o dia; e as esposas, para ter uma descendência legítima e uma fiel guardiã do lar.*” (FOUCAULT, 1984, p.129)

Antes da abordagem do duelo entre Diadorim e Hermógenes, duas metáforas se fazem necessárias à hermenêutica posta em proposição, para o desfecho desta pesquisa, quando a narração se espria no seio da poesia e registra que ‘*Diadorim – ele ia para uma banda, eu para outra, diferente; que nem, dos brejos dos Gerais, sai uma vereda para o nascente e outra para o poente, riachinhos que se apartam de vez, mas correndo, claramente, na sombra de seus buritizais*’. Por esta idêntica simbologia: ‘*O quanto também olhei Diadorim: ele, firme se mostrando, feito veada-mãe que vem aparecer e refugir, de propósito, em charmariz de finta para a gente não dar com o veadinho filhote onde é que está amoitado...*’ De fato, sem estas duas imagens metafóricas a dos ‘*riachinhos*’ apartados seguindo cada qual o seu destino à sombra dos buritizais; e a ‘*veada-mãe*’ que despista o inimigo para desvencilhá-lo dos rastros do seu ‘*filhote*’. Estas duas visões alegóricas encaixam-se no proceder destes indivíduos apaixonados que ignorariam o descerrar das cortinas de seus Destinos: o de Riobaldo de pelejar qual e feito Zé Bebelo e Medeiro Vaz até descobrir e deparar-se, em seu Amor transexual, com a ‘*veada-mãe*’ Maria Deadorina; e o de Reinaldo que, ao resguardar a revelação de sua sexualidade para após o embate com o *quasímodo-judas* Hermógenes ser atraído pelo punhal do inimigo que atravessara o colete-mistério ou tesoura de prata, ora acobertando; ora entrecortando, a sua enigmática identidade de Mulher.

A partir destas tais interpretações e análises, ao mencionar este quadro analítico do *Grande sertão: veredas*, de fato protagonizado pelo herói-ambíguo Maria (Reinaldo) Diadorim, alicerçado em patamares de simbologia tipicamente dicotômicos e antitéticos, desenfrearam-se inúmeras hipóteses e alocações para a compreensão desse insólito ser-signo medúsico e emblemático. Tais asserções se situariam no cerne das bifurcações de uma fatídica encruzilhada que se, de um lado, imbricaria para os tentadores braços do esconjurado Demônio, de outro, desviaria para o purificador colo esponsal de sua Nossa Senhora da Abadia. ‘*Tempo de guerrear!*’ – Bradara o grande líder Riobaldo Urutu-Branco, conforme se a o combate contra os ‘*judas dos hermógenes*’ abrandassem a dor-presença da paixão por Reinaldo, cioso companheiro e tentação constante, que poderia macular a sua condição de chefia diante dos seus jagunços ‘*contra-guias*’, Alaripe, Fafafa, Acauã e os outros. De fato ocorre em todas as circunstâncias sejam elas geográficas, no tocante à percepção do companheiro mediante aos homens e à natureza; sejam elas introspectivas relacionadas às ações e contrações da tessitura e narração. Esta personagem redesenha-se como um co-autor da estória contada pelo fazendeiro-orador, menos pela sua condição de protagonista e grande paixão do que por seu posicionamento de uma segunda voz que traça, nas entrelinhas de seu incisivo discurso aliado às sutis e reticentes confabulações, o percurso a ser traçado pelo herói com reumatismos, Riobaldo-Tatarana. A presença dominante desta prefiguração enigmática acobertada pela indumentária masculina e armamentos bélicos; e, muito principalmente, pelas atitudes guerreiras, demarca o direcionamento da narração desde a primeira aparição sob aparência daquele Menino às

margens do rio de-Janeiro, até o derradeiro episódio do duelo do Paredão com o Hermógenes, desta vez sob os auspícios de ser uma Mulher. *‘Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor; e a amizade desde agora estava amarga falseada; e o amor e a pessoa dela, mesma, ela tinha me negado.’* Nesea excerto, constata-se uma espécie de transferência de culpa ou responsabilidade no processo de inversão vivenciado pela personagem Menino/ Reinaldo/Maria Deodorina, pelos desvãos memoriais da negação ou adiamento da revelação do segredo de sexualidade. Posteriormente a data determinada na certidão de seu *‘batistério’*, localizada na matriz de Itacambira, de fato, seria a única indicação cronológica inserida na narração. E ainda assim nota-se a imprecisão intencional na menção ao ano de *‘1800 e tantos’*, de modo que faça crer ao leitor o caráter de não aceitação temporal no transcorrer da estória contada ou escrita. Isto se justifica até mesmo quando se observa o vácuo de tempo frestado pela narrativa desde a primeira ocasião de encontro de Riobaldo/Diadorim, aos 14 anos de idade, ao episódio da deserção daquele tal *‘Professor’*, sob o comando de Zé Bebelo, que culminaria na reaproximação das personagens já homens feitos diante da chefia de Medeiro Vaz: *‘O que entendi em mim: direito como se, no reencontro aquela hora aquele Menino-Moço, eu tivesse acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família.’* (ROSA, 1994, p.93)

As reminiscências do fazendeiro-narrador a partir do reencontro com o Menino-Moço, daquele instante até a conclusão do projeto de vingança pelo assassinio de Joca Ramiro, não sofreriam a demarcação de datas. Irrompendo-se pela imprecisão dos episódios e da não linearidade narrativa, a paixão de Riobaldo e Reinaldo permeada, salva engano, é vivenciada por aproximadamente uma década – desde a primeira visão do Menino pitando cigarro ao episódio-revelação do corpo de mulher estendido sobre a mesatávola. Ocasião que denotaria estupefação de seu Amor, que inclusive Riobaldo confessara-se arrependido por ter renegado por toda a vida aquela ilícita paixão homossexual proibida. E também pelo viés desta constatação, é que a enigmática figura hermafrodita vem a ser desmistificada por intermédio da descoberta de um cadáver de mulher sem as suas habituais vestes – e, posteriormente, da identificação nominal –, após o fatídico combate a tiros e à faca nas tortas veredas, como Maria (Diadorim) da Fé Bettancourt Marins. No percurso da narração, a andrógina e emblemática criatura se insurgiria como portadora de desvendáveis enigmas entranhados nos dizeres do jagunçorador, como já foram mencionados e entre os quais destacar-se-iam a encoberta filiação por parte de seu pai-ídolo Joca Ramiro e o codinome (Diadorim) oriundo da corruptela da identificação nominal de origem, dissociado a uma espécie de sua reconhecida alcunha ou mesmo nome (Reinaldo). E, aliado também a surpreendente revelação de sua sexualidade possibilitada pelas mãos da Mulher do Hermógenes, situa-se o poder de decisão fincado por uma liderança, que se redesenha a cada passo e instante no enalço das ordenanças dos jagunços em chefe, consoante se constata na travessia do Liso do Suçuarão.

Enfim, O vocábulo inicial *“Nonada”* soaria como um desmentido às primeiras impressões referentes ao universo suprageográfico de morte a duelo e punhal, aberrações animais ou mesmo humanas – haja vista o episódio do lázaro e o da antropofagia no Liso do Suçuarão – e inusitados tiroteios, especificamente situado no âmago ou cerne da fértil imaginação do criador fronteira aos Gerais mineiros. A negação atribuída à palavra que abre o livro passa a alcançar a proposição de sossegar, acalmar, o hóspede-leitor que vem a ser recebido por tiros que *‘não foram de briga de homem não’* e a grotesca aparição

de ‘*um bezerro branco, erroso*’, ‘*com máscara de cachorro*’, ‘*arrebicado de beijos*’, e que ‘*figurava rindo feito pessoa*’. E a partir daí o ‘*povo prascóvio*’ do lugar-sertão dado a credíncias, de imediato, determinaria – era a insuspeita imagem da prefiguração demoníaca das Veredas Mortas ou Tortas antecipada antecipadamente inserida na narração, sob forma de ‘*cara de gente, cara de cão*’: “*Do Demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalam no nome dele – dizem só: o Que-Diga. Vote! não... Quem muito se evita, se convive.*” (*idem, ibidem*)

Em seu estudo crítico, João Adolfo Hansen também destacaria o fato de que a alegorização vem a ser fortemente evidenciada, na enigmática figura destemida de Reinaldo/Diadorim a questão da identificação nominal nos episódios narrados que o envolveriam. Além do que, salientaria ainda Hansen, a sua representação enfeixaria múltiplas determinações, ambigüidades e níveis num hibridismo de sentimento díspares e antitéticos, que designam as polaridades de sua significação: Deus-Demônio/Uno-Múltiplo/Masculino-Feminino. Nestes tais binômios, afigura-se um ser enigmático que transcenderia a caracterização da suposta donzela com armas, não só pelo âmbito da transformação ou ocultação da sexualidade; entretanto, sobretudo, pela suposição de já ter se apaixonado anteriormente pelo irmão de Joca Ramiro, o falecido moço Leopoldo. Poder-se-ia afirmar que, no *Grande sertão*, duas das verdades mais absolutas impregnadas pela tradição crítica cairiam por terra, que desembocariam nas questões cruciais da donzela virgem e do caráter homossexual na paixão de Riobaldo e Reinaldo. Se a hermenêutica da obra literária partir da premissa de que o sentimento de perda nutrido pelo tio Leopoldo, quando este falecera, representasse mais do que a ausência de um ente consanguíneo, Reinaldo/ Diadorim não se encaixaria nos padrões virginais aventados pela opinião alheia. Por este viés, não teria sido o moço Leopoldo, irmão de Joca Ramiro, um significativo antecessor do jagunço-orador no coração desta Maria Diadorim!?!... E esta personagem secundária poderia vir a ser não só o detentor absoluto do segredo do enigma de Reinaldo; visto que, decerto, presenciara o seu crescer de menina-moça até o desabrochar dos seios, conquanto aproximadamente aos quatorze anos aquela criatura, como comprovaria o encontro com Riobaldo às margens do rio de-Janeiro, já se metamorfoseasse inteiramente de o Menino, nas atitudes e indumentária. O moço Leopoldo possivelmente fora o primeiro Amor de Diadorim; e, à medida que a narração e o contundente diálogo com o amante proibido Riobaldo se avulta, ao que parece, o jagunço-narrador, se não enciumado, ao menos incomodado ficara com a alusão ao nome e existência de um suposto cúmplice nos sentimentos de amizade e apreço de Reinaldo. E este último nem sequer pressentira ou desconfiara a despeito da traição que, às escondidas, em conluio com Ricardão, se avultaria nos íntimos desvãos do traíçoero ser pactário-assassino do Hermógenes<sup>13</sup>.

Não seria interessante deixar de afirmar que este ‘*um Leopoldo*’ não teria nenhuma outra função narrativa a não ser, ainda que não seja explicitar o andrógino enigma de Diadorim, a de desmistificar pelo viés da dúvida ou das reticências a imagem

---

<sup>13</sup> Walnice Nogueira Galvão registraria, em seu estudo “O certo no incerto: o pactário”, que o que se internou pelo homem adentro, pode ser a própria prefiguração do Diabo; e aponta para a questão de que esse vem a ser o caso do Hermógenes. Por este viés, acrescentaria ainda que Riobaldo pormenoriza os aspectos da proteção que o ser das Veredas Mortas lhe daria em seu percurso pos-pactário. (GALVÃO, 1991, p.416)

equivocadamente preconcebida de donzela guerreira calcada na prefiguração de Reinaldo. Constata-se, pois, que tal desmistificação ocorreria no âmbito da homossexualidade deste ser-símbolo hermafrodita, que “*eh, gosta de ser bom amigo...*”, e já quase morrera quando da ocasião da obscura perda do suposto companheiro-amante irmão de Joca Ramiro. O que não se explicita na narração vem a ser o momento e a sua *causa-mortis*, visto que o intuito desta menção por parte de ‘um’ que ‘disse’ a Riobaldo, ao ‘vozear tantas asneiras’ referentes ao convívio dos dois homens suspeitos de ultrapassarem, em cumplicidade de inadmissível paixão, os limites da permissibilidade máscula imposta pelas leis do sertão e do jaguncismo: “*(...) o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível gostar como queria, no honrado e no final.*” (ROSA, 1994, p.30) Esta suspeita de homossexualidade envolvendo Riobaldo e Reinaldo, a partir do enredado surgimento de Leopoldo enredada na estória, impulsionaria não só a desmistificação do precipitado rótulo de donzela guerreira, assim como também a segunda vertente das considerações equivocadas, referentes as quais a paixão proibida vivenciada por Riobaldo, bifurcaria numa abordagem nitidamente transcendental, no patamar dos desvios de conduta heterossexual. Se mencionasse que o que houvesse acontecido no relacionamento entre os dois amantes vem a ser que não poderia se desvendar a concretização da homossexualidade, haja vista que Maria Reinaldo Diadorim não era um homem, apesar da vestimenta, da coragem de guerrear e das atitudes embrutecidas, tal qual Riobaldo afirmara no leito de morte do companheiro feroz jagunço: “*Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível (...) Uivei. Diadorim era mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como solucei meu desespero.*” (ROSA, 1994, p.380)

O sentimento homossexual que perpassa o percurso do herói-narrador em afloração agônica, asquerosa e conflitante em seu íntimo, que remeteria ao Macbeth de Shakespeare, quando este diz que o Amor que persegue os passos humanos às vezes encanece e perturba mas que, sendo este o sentimento, hão de agradecer eternamente, faz Riobaldo confessar diante do cadáver de Reinaldo e de seus comandados jagunços, os ‘*urutus-brancos*’, a declaração abafada em seu peito desde aquele encontro com o Menino, que lhe impusera uma vergonha de outra natureza, a atração física entre dois iguais: “*– Meu amor!...*” (*Idem, ibidem*) Exclamação e reticências, que demarcariam todo o processo de aproximação e bem-querer destes dois homens Riobaldo-Tatarana e Reinaldo-Diadorim, em seus disfarces de paixão e sexualidade, nas inaudíveis ocasiões, abafados por outras bem-aventuranças de aconchego e ‘*poesias do corpo*’, consoante o velho barranqueiro com reumatismos poria em confissão ao hóspede-leitor, quando se entregava aos encantos femininos, além dos inimagináveis braços e colo de sua grande paixão: Maria Deodorina da Fé. Esta mesma que o obrigara certa feita ao olhar contínuo até que se gastasse a imagem de invenção de mulher, de modo a desvencilhar-se do pensamento de seu Amor que, apenas por intermédio de sua fértil imaginação desvendara o princípio, em razão dos desmandos do sentimento marginal ressentido, oriundo do enigma da sexualidade de Reinaldo<sup>14</sup>. O jagunço-narrador, que possível e inconscientemente para compensar a paixão proibida por

<sup>14</sup> Em « O homem dos avessos », Antonio Candido revelaria que o sentimento proibido nutrido por Riobaldo em relação a Reinaldo / Diadorim oscilaria entre o amor sagrado de Otacília e a paixão profana da « militriz » Nhorinhá; todavia, tal ambigüidade afetiva, calcada entre a face permitida interdita, desaguaria simbolicamente na suprema dubiedade da mulher-homem representada por esta Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins. (CANDIDO, 1991, p.305)

Reinaldo/Diadorim, diriam os psicanalistas, relataria ao hóspede-leitor inúmeras estripulias amorosas calcadas nas mais diversas e inimagináveis vertentes de gozos e prazeres carnavais. E tais variações narrativas neste âmbito sexual insurgir-se-iam de modo a abarcar desde o sentimento mais dócil e inocente pela roceira moçoila Miosótis, as carícias furtivas de Rosa'uarda, perpassando pelos afagos carinhosos e a prostituída companhia daquelas outras meretrizes – ainda que Riobaldo não revele o preço pago com nenhuma delas –, identificadas como Maria da Luz e Hortênsia, quando já batizado como o chefe Urutu-Branco, até os dois confessados estupros praticados no ardor da violência imposta culturalmente pela jagunçagem.

Além de Reinaldo e as outras concepções femininas – moçoilas, raparigas, mulheres casadas –, que abarcariam as reminiscências do fazendeiro-orador, o que mais acrescentaria a sua gama de relacionamentos furtivos, com as figuras múltiplas encontradas em suas andanças, seria confissão dos dois estupros cometidos em ocasiões de conflito autorizadas pelas leis e regras do jaguncismo. Riobaldo-Tatarana poria então em relato não coincidentemente – logo após ter ciência da amizade de Leopoldo e Reinaldo e da constatação de que o que faria falta naquele momento seria a presença feminina: “*Até aqui, vai, cresci naquela idéia: que o que estava fazendo falta era uma mulher.*” (ROSA, 1994, p.114) – a revelação dos atos de violência sexual por sobre os corpos de duas indefesas criaturas desamparadas. Os estupros revelados pelo jagunço-narrador são acompanhados de alusões sagradas, tais como ‘*Deus*’, ‘*constituído milagre*’, ‘*se agüentava num rezar*’, intrincadas ao brutal desejo corpóreo desse insólito narrador – abominável *dom juan* apaixonado por um outro homem –, até quando violenta as mulheres, estupra e aniquila a sua vítima, transgride as etiquetas da conquista amorosa, arriscando-se receberiam troca num abrir de olhos a aceitação por parte da vítima, ao ‘*arfar seus prazeres*’, de sua criminosa ação sexual. Com Reinaldo, também ocorreria esta mescla ou fusão sincrética no âmbito da Sexualidade/Religiosidade, que o impulsionava a refletir sobre a origem daquela estúrdia paixão ser proveniente da Nossa Senhora da Abadia ou do Demo das Veredas Tortas, em contraposição ao compromisso oriundo dos avessos do seu ser multifacetado e lascivo, possibilitado por Maria-da-Luz, Hortênsia ou Nhorinhá. Nesse excerto acima chama atenção para a questão de que, mesmo tendo proibido a si o ato criminoso de violentar as mulheres alheias, o chefe Urutu-Branco concederia a permissão aos seus jagunços comandados que violem ‘*as casas domésticas*’, quando fossem ‘*conversar casadas e suas crias*’. De fato o que assusta Riobaldo no instante de sexo forçado com as mulheres é mais a reação de sua segunda vítima do que o ato de estupro propriamente dito, pois que, nas implícitas leis do sertão e do jaguncismo, violar propriedades e lares inimigos com todas as suas conseqüências seria normalmente assimilado pelos algozes infratores. Haja vista o episódio referente ao qual Riobaldo confessaria o receio de se sentir atraído sexualmente pela Mulher do Hermógenes, a partir do momento que a faz prisioneira do bando de jagunços: “*Devia de ter sido bonita, nos festejos da mocidade; ainda era. (...) Tive um receio de vir a gostar dela como fêmea. Meio receei ter um escrúpulo de pena; certo não temi abrir razão de praga.*” (ROSA, 1994, p.328)

Inclusive em retorno a ocasião de encontro com as ‘*militrizes*’ Maria-da-Luz e Hortênsia, no momento em que as cortesãs solicitavam bondosamente ao Urutu-Branco a sensata autorização, para que um dos seus homens, o Felisberto – o que ‘*por ter uma bala de cobre introduzida na cabeça, vez em quando todo verdejava verdejante*’ (ROSA, 1994, p.335) – penetrasse o prostíbulo para ‘*provar do café também, dando que não é justo um*

*ficar desconfortado no sereno, enquanto os outros se acontecem.*’ (Idem, ibidem) Ocorre que, contudo, o sertanejo-orador, apesar de consentir o ingresso da acobreada sentinela, não admitiria a hipótese, em sua hierarquizada condição de ‘Chefe’ de jagunços, deste tal Felisberto deparar-se com ele, avistando-o ‘*assim perfeito descomposto nu, como eu estava*’ (Idem, ibidem). Fora então que uma das prostitutas, a Maria-da-Luz trouxera uma ‘*roupagem velha*’ de sua propriedade e aventara com o ensejo do narrador amarrá-la na cintura para cobrirem-se as suas partes íntimas. As ‘*senvergonhagens*’ proferidas pelos intrépidos jagunços em relação aos quebrantos femininos não se reproduziriam, em hipótese alguma, nas conversas diurnas ou ao pé da fogueira, quiçá por asco ou desconfiança de suspeita de braveza e masculinidade. Porquanto justamente estes relatos íntimos serão encobertos de pejo e remorso pela homossexualidade e protegidos por duas constatações: o distanciamento cronológico e, muito principalmente, pela revelação de sexualidade transposta pelo viés da reencarnação, pelos subterfúgios das reminiscências, de um Menino dito Reinaldo em Maria da Fé Bettencourt Marins. A ressentida ausência de concretização de paixão proibida desembocaria na epígrafe *don-juanesca* utilizada nesta pesquisa intitulada Um Réquiem para Diadorim (Nonada: dois dedos de prosa-poética sobre o Amor no Grande sertão: veredas) – “*Quanto mais eu ando, querendo pessoas, parece que entro mais no sozinho do vago.*” (ROSA., 1994, p.185)

## V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADONIAS FILHO. Renovação no regionalismo . *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 7 jun. 1964.
- . Guimarães Rosa. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1 dez. 1968.
- . A ficção de Guimarães Rosa. In: ----- et alii. *Guimarães Rosa*. Lisboa, Inst. Luso Brasileiro, 1969, p. 11-22.
- AGUIAR, Flávio. “As pobres mulheres pobres no teatro de Alencar”, In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, 1997.
- ALEXANDRIAN. História da literatura erótica. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989.
- ALMEIDA, Maria Suely. *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Rosa Codisburgo. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 mar. 1974.
- ARISTÓTELES. Retórica das paixões. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ARROYO, Leonardo. De Quelemém a Riobaldo. *Folha da Tarde*, São Paulo, 21 abr. 1963.
- . Riobaldo e Fausto. *Folha da Tarde*, São Paulo, 27 dez. 1964.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1997.
- AUERBACH, Erich. Mimesis. *A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo. Editora Perspectiva, 2002.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1997.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: *A aventura da Modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

- BIZARRIBOLLE, Willi. *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2004.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRAGA, Rubem. *Grande sertão: veredas*. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 ago. 1956.
- BRASIL, Francisco Assis. Guimarães Rosa e a literatura brasileira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1956 e 5/13 jan. 1957 (Supl. Lit.).
- . O novo romance brasileiro. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, 17 (183): 3, jun. 1965.
- . Situação da obra. *O Estado de São Paulo*, 30 nov. 1968 (Supl. Lit.).
- CAMPOS, Augusto de. Um lance de “dês” do *Grande Sertão*. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 4 (16): 9-27, dez. 1959.
- CANDIDO, Antonio. O sertão e o mundo. *Diálogo*, São Paulo (8): 5-18, nov. 1957
- . Jagunços mineiros de Cláudio e Guimarães Rosa. In: ----- . *Vários escritos*. São Paulo. Duas Cidades, 1970, p. 133-60.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- COUTINHO, Afrânio. (dir.) *Guimarães Rosa: seleção de textos*. Eduardo F. Coutinho. (coord.) Coleção Fortuna Crítica, *Civilização Brasileira*, 1991.
- . A literatura no Brasil. Co-direção Eduardo Coutinho. Era Modernista. Vol.V: São Paulo, Editora Global, 2001.
- FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa. Fronteiras, Margens, Passagens*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- FAUS, Francesc. João Guimarães Rosa, le contemlatif transparent. *La Table Ronde*. Paris (195): 61-70, 1964.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. A travessia de João Guimarães Rosa. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1957.
- . O verbo e o logos. *Em memória de João Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1968. P. 89-106.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.
- . História da sexualidade – o uso dos prazeres. São Paulo: Editora Graal, 2003.
- FREUD, Sigmund. *Contribuições à psicologia do amor*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Mitológica rosiana*. São Paulo: Ática 1978.
- . As formas do falso. Um estudo sobre a ambigüidade no Grande sertão: veredas. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- . *As formas do falso*. Um estudo sobre a ambigüidade no Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.
- HANSEN, João Adolfo. *A ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I e II. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- KANT, Emmanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. São Paulo: Papyrus, 1993.
- LIMA FILHO, Luiz Costa. A expressão orgânica de um escritor moderno. *Diálogo*. São Paulo, (8): 71-90, nov. 1957.

- (Org.) *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.
- O mundo em perspectiva: Guimarães Rosa. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro: (6): 67-83, 1963.
- O sertão e mundo. In: ----- *Por que literatura?* Petrópolis, Vozes, 1966. P. 73-99.
- Mito e provérbio em Guimarães Rosa. In: ----- *A metamorfose do silêncio*. Rio de Janeiro, Ed. Eldorado, 1974. P. 49-66
- O buriti entre os homens ou o exílio da utopia. In: ----- *A metamorfose do silêncio*. Rio de Janeiro, Ed. Eldorado, 1974. P. 129-79.
- LINS, Álvaro. Uma grande estréia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 abr. 1946.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *As mulheres de mantilha*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1988.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. O léxico de Guimarães Rosa. São Paulo: Edusp, 2001.
- MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MARCUSE, Herbert. Eros e civilização – uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MEYER-CLASON, Curt. Correspondência com seu tradutor alemão. Rio de Janeiro: Nova fronteira, UFMG: Rio de Janeiro / Minas Gerais, 2003.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. Livro I. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.
- MONTEIRO, Adolfo Cassais. O erudito e o popular em *Grande sertão: veredas*. *O Estado de São Paulo*, 1 mar. 1958 (Suplemento Literário).
- Guimarães Rosa não é escritor regionalista. *O Estado de São Paulo*, 8 mar. 1958 (Supl. Lit.).
- NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratrusta. Editora Hemus, Paraná, 2002.
- NOVAES, Adauto. Os sentidos da paixão. São Paulo: Funarte, Cia das Letras, 1990.
- Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 7 (26): 39-62, set. 1964.
- NUNES, Benedito Nunes. Crivo de papel. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1998.
- OLIVEIRA, Franklin de. A degradação de Riobaldo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1968.
- Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Afrânio, ed. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editorial Sul-Americana, 1970, v. 5. P. 402-49.
- PLATÃO. O banquete – apologia de Sócrates. Pará: Editora Universitária, 2001.
- Fedro. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. Trilhas no Grande sertão. Rio de Janeiro, Serv. Documentação MEC, 1958.
- PROUST, Marcel. *Obra completa*. Vol. I. À sombra das raparigas em flor. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- ROBERTS, Nickie. As prostitutas na História. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992.
- ROSA, Guimarães. *Ficção Completa*, vol. I e II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ROSSEAU, Jean Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- As confissões. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- SCHOEPFLIN, Maurizio. O amor segundo os filósofos. Santa Catarina: Edusc, 2004.

- SCHWARZ, Roberto. *Grande sertão: a fala. A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*, Rio de Janeiro: *Civ. Brasileira*, 1965. P. 23-27.
- . *Grande sertão e Dr. Faustus. A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*, Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*, 1965. P. 28-36.
- SHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SIMÕES, Irene Gilberto. *Guimarães Rosa: As paragens mágicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.
- WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*; tradução, Mario Pontes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.